

CORREIO DO NORTE

CADERNO ESPECIAL
NOVEMBRO DE 2015

NOSSO POVO, NOSSA HISTÓRIA

2ª COLETÂNEA



Nossa essência é a memória

Seria muita pretensão escolher algumas poucas histórias para ilustrar a trajetória da região do Planalto Norte. É por isso que, em 2005, o jornal *Correio do Norte* apostou nas reportagens do *Nosso Povo*, *Nossa História*: para mostrar, da forma mais ampla possível, as diversas faces que compõem a região.

O mais interessante nas reportagens do *Nosso Povo*, *Nossa História* é que os textos são concebidos a partir da visão do jornalista, é claro, mas principalmente a partir da visão dos entrevistados. É essa essência que transforma este material

em uma relíquia histórica, de memórias.

Parafraseando a nossa primeira coletânea, “não vivemos de passado, mas somos feitos de memórias”.

Nesta segunda edição da revista especial *Nosso Povo*, *Nossa História*, o leitor pode conferir um pouco mais sobre os primeiros moradores, curiosidades, fatos memoráveis, a imponência de construções que modificaram a rotina da região e tantos outros detalhes interessantes da história. Tudo narrado por testemunhas oculares do progresso da região – e também de tantas tradições já

perdidas com tempo.

As reportagens estão em ordem cronológica, de acordo com as publicações realizadas no *Correio do Norte* de 2005 a 2007. São 22 narrativas de um povo que soube e ainda sabe como fazer história.

Essa segunda edição, assim como a anterior, é uma homenagem a todas as pessoas que nos ajudaram a construir esse espaço culturalmente rico e benquisto.

Dessas histórias é possível tirar grandes lições de vida. Por isso, aproveite. Desfrute deste material!

Boa leitura!



NOSSA CAPA

O PORTAL DA CIDADE

Construído em 2002, em arquitetura eslava (polonesa e ucraniana), o Portal é uma homenagem à colonização predominante no município. Localizado na Avenida Rubens Ribeiro da Silva no principal acesso à Canoinhas. No Portal, encontra-se banheiros e uma ampla sala que está à disposição dos visitantes, com informações sobre Canoinhas e região. No projeto final do Portal de Entrada de Canoinhas, poderá ser disponibilizado um espaço no segundo piso para a implantação de um café cultural.

A foto foi tirada em 2015 pelo fotógrafo Johnathan Leônico.

expediente

CORREIO DO NORTE

O Nosso Jornal

Fundado em 29 de maio de 1947

Gráfica e Editora Triunfo Ltda CNPJ: 04.430.315/0001-20
Rua Três de Maio, 364 - Centro - Canoinhas-SC
Cep: 89460-000

ALÔ JORNAL: (47) 3622-1571 WhatsApp: (47) 9659-4455

E-MAIL: redacaocorreiodonorte@gmail.com

SITE: www.jornalcorreiodonorte.com.br

DIREÇÃO

Carmen Regina Pangratz
Marilda Pangratz Voltolini

TEXTO ORIGINAL

Edinei Wassoaski (DRT/SC 2929)

EDIÇÃO E REVISÃO

Fábio Rodrigues (MTB/SC 5100)
Priscila Noernberg (MTB/SC 3467)

FOTOS

Edinei Wassoaski e Arquivo

PRODUÇÃO GRÁFICA

Isabel Lenz Bayerl Stafin
Mileide Gomes de Camargo

IMPRESSÃO

Gráfica Uma - Grupo RBS

DEPARTAMENTO COMERCIAL

Kelly Lisbôa
Eliane Furtado

AFILIADO À  ADJORISC

Gênio ou louco?

Empresário, malabarista, boxeador, maior doador de sangue do mundo, ex-vereador, esportista nato Orestes Golanovski, 66 anos, surpreende pela versatilidade e pelas ideias que fizeram muitas pessoas se questionarem: seria Orestes gênio ou louco?

Orestes Golanovski, 66 anos, é um homem de hábitos simples, mas de ideias ambiciosas. Para comprovar isso, basta visitá-lo na sede da Associação dos Doadores de Sangue da Região de Canoinhas (Adosarec), onde passa o dia coordenando a Associação que se tornou um símbolo municipal. A Adosarec, fundada em 1990, é hoje respeitada no Brasil inteiro. Serviu de pauta para grandes jornais como O Estado de S. Paulo e O Globo e conseguiu a façanha de colocar Canoinhas, por três vezes, em matérias do Jornal Nacional, da Rede Globo, simplesmente o telejornal mais assistido do País. Ainda na Globo, Orestes foi entrevistado pelo apresentador Jô Soares no Programa do Jô.

FANTASMAS DO PASSADO

Sentimental e emotivo, Orestes remexe em uma mágoa que guarda há mais de 30 anos, quando era presidente da Liga Esportiva Canoinhense (LEC).

Na época, o futebol canoinhense era um sucesso, admirado e respeitado em todo o Estado.

Apaixonado por futebol, desde os 15 anos Orestes já jogava e dirigia um time: o Caxias. Sua paixão o fez passar pelos grandes mitos do futebol canoinhense – Botafogo, Palmeiras e Canoinhas Amador. Na década de 1960, Orestes chegou a presidir o Canoinhas Amador e na década de 1990 assumiu o Canoinhas Profissional.

1974 foi o ano em que Orestes assumiu a LEC, depois do afastamento do presidente Irineu Gonzaga. Anos depois, reeleito presidente da LEC, Orestes começou a incomodar e acabou sendo alvo de um pedido

de cassação. O caso foi parar na Federação Catarinense de Futebol e uma tragicômica situação se instalou em Canoinhas. Orestes, que sofria o pedido de cassação, foi nomeado interventor de si mesmo. “O caso foi notícia em todo o Brasil, inclusive na revista Placar (maior publicação sobre esportes do Brasil)”, lembra.

A alegação dos que pediam a cabeça de Orestes era de que ele não prestava contas sobre a LEC. “Eu prestava contas para a Federação”, se defende Orestes.

A insistência dos times da primeira divisão do futebol canoinhense, que fizeram o levante contra Orestes, fez com que, 60 dias depois de ter prorrogado seu tempo como interventor da LEC, Orestes desistisse do cargo.

GRANDES REALIZAÇÕES

Orestes fez muito pela LEC quando a presidiu. Instituiu os Campeonatos Mirim, Infantil, Infante-Juvenil, do Interior e da 2ª Divisão de Futebol. Promoveu o maior campeonato entre times da primeira divisão – nove times –, e conseguiu a façanha de, em 1976, trazer para Canoinhas um dos maiores astros do futebol mundial, o saudoso Garrincha. 4.230 pessoas compareceram ao Estádio Alinor Vieira Côrte (em frente à sede da Rádio Clube), maior recorde de público em uma partida de futebol em Canoinhas. Para ver o Mané, vieram torcedores de todas as partes. “De carroça, bicicleta, caminhão, trator.”

O fato que gerou a crise em seu mandato, segundo Orestes, iniciou com uma confraternização entre os atletas filiados a LEC. “Assamos mais de 2,3 mil quilos de carne e vendemos mais de 300 caixas de cerveja”, recorda. Como não partici-



Orestes: “faço tudo outra vez. Não me arrependo de ter errado, me arrependo de não ter tentado fazer mais”

param da confraternização, por não concordarem em ratear os custos, os times da 1ª divisão acreditavam, segundo Orestes, que o evento daria um bom lucro. “Mas eles não sabiam que a carne que assamos foi dada aos atletas”, corrige. A falta dessa informação gerou rumores que culminaram no pedido oficial de afastamento de Orestes da LEC.

Mesmo assim, Orestes não desistiu do futebol. Em 1987 ele e o filho, vereador Silmar Golanovski, criaram a Associação Rural de Esportes, reunindo 32 times do interior.

MAIOR DOADOR DE SANGUE DO MUNDO

Orestes doou sangue 186 vezes. Conseguiu a façanha de doar por quatro vezes em um só dia.

O fato que levou Orestes a fundar a Adosarec aconteceu quando uma mulher deu à luz um menino e, logo em seguida, teve grande hemorragia. “Ela recebeu sangue de 17 pessoas, mas um cidadão se negava a doar de graça. A hemorragia não estancava e não havia mais doadores. Eu, dona Nereida Côrte e dona Flérida Bittencourt fomos à casa do cidadão oferecer-lhe dinheiro. Foi quando ouvimos dele que o valor havia aumentado. Enquanto negociávamos com o cidadão, a mulher morreu. Daquele dia em diante, jurei que jamais deixaria alguém morrer por falta de sangue”, conta.

CURRÍCULO

O extenso currículo de honrarias obtidas por Orestes vai desde o Troféu Amigo da Comunidade até a Medalha da Federação Internacional das Organizações dos Doadores de Sangue, passando por dezenas de placas, troféus e certificados. Orestes faz parte, também, do livro editado pelo Ministério da Saúde, Brava Gente Brasileira, uma homenagem ao voluntariado no Brasil. Foi tema de tese de mestrado de um acadêmico paulista. Chamado por Evanita Chivinski de “o morador ilustre de minha rua” e de “um anjo que caiu do céu” pelo jornalista Geci Varela, Orestes diz que todo o reconhecimento que obteve é seu verdadeiro patrimônio. “Faço tudo outra vez. Não me arrependo de ter errado, me arrependo de não ter tentado fazer mais”.

Ao terminar a conversa, no entanto, percebe-se claramente que as vitórias são muito maiores do que as decepções na vida de Orestes. São essas vitórias que o fazem sempre querer mais, investir, acreditar e colocar em prática seus sonhos. São fatos que nos fazem ter uma resposta clara para a pergunta feita no título dessa reportagem.

Publicada originalmente em 4 de novembro de 2005.

Raízes polonesas

Francisco Zaziski, 88 anos, um dos muitos descendentes de poloneses canoinhenses, fala sobre a origem da família, a longa carreira de escrivão da Exatoria Federal e a evolução de Canoinhas nos últimos anos



Francisco: “o futuro a Deus pertence”

Francisco Zaziski, 88 anos, é uma pessoa que demonstra no rosto bem conservado uma vida muito bem vivida, que chega a seu ápice de uma forma que toda pessoa gostaria – rodeado pela família.

Parece haver um esforço de toda a família para deixar a aposentadoria de Francisco, conquistada há 19 anos, o menos monótona possível. E ele colabora para isso também. Ao lado do neto, o arquiteto Welton, e a filha Eunice, Francisco já fez várias viagens, dentro e fora do Brasil. Inclusive, por duas vezes visitou a Polônia em busca das raízes de seus pais. “É um país lindo, maravilhoso”, conta Francisco.

ORIGEM

A exemplo de muitos europeus, os poloneses Pedro, então com 18 anos, e sua esposa, Maria, pais de Francisco, desembarcaram no Brasil no início do século 20. Fixaram-se em Iracema, na época localidade de Curitibaanos, a qual Canoinhas também pertencia. Foi nessa localidade, que hoje pertence a Itaiópolis, que Francisco nasceu, em 1917.

A vida era simples e a subsistência baseada na agricultura e pecuária. “Trabalhávamos com lavoura, criávamos gado, porcos, nossas ferramentas eram enxadas e foices, não existia nenhum maquinário sequer”, recorda.

Visionário e trabalhador, Pedro conseguiu formar certo patrimônio em Iracema. Montou uma pequena loja de “secos & molhados”, estilo

comum de armazéns na época, caracterizados por vender de tudo, desde comida até tecidos. A erva-mate e o trigo que Pedro plantava, por exemplo, eram comercializados na Venda, o que dava maior margem de lucro.

DO SEMINÁRIO AO EXÉRCITO

A vida escolar de Francisco começou em Alto Paraguaçu, localidade de Itaiópolis, onde viviam muitos poloneses. No Colégio São João Batista, Francisco aprendeu a língua portuguesa paralela à língua polonesa.

De lá, Francisco foi para um Seminário, com pouca noção do passo decisivo que estava dando na vida. Três anos depois, a ficha caiu e Francisco percebeu que não poderia ser padre simplesmente porque não tinha vocação para isso. “Mas o que aprendi no Seminário foi muito importante para minha vida”, reforça.

Determinado a entrar para o Exército, visando um emprego fixo, já que os reservistas eram vistos com bons olhos pelos empregadores, Francisco serviu à Pátria em 1935.

Menos de um ano depois, voltou para Alto Paraguaçu, onde trabalhou com o cunhado Leopoldo Buba. “Queria estudar, mas meu pai ficou doente, e precisei ajudar a família”, lamenta.

CARREIRA

Em 1939, Francisco casou com Zorai-de, com quem teria dois filhos.

Em 1941, começou uma longa carreira no serviço público, trabalhando na prefeitura de Itaiópolis como agente de estatística e tesoureiro.

Pouco tempo depois prestou concurso público para escrivão da Coletoria Federal. Não passou no cargo que pretendia, mas ficou na reserva e foi chamado para trabalhar em Joaçaba.

Por mais de um ano trabalhou em Joaçaba, de lá foi para Curitibaanos onde largou o serviço público para trabalhar em um armazém.

Voltaria a trabalhar para o governo em 1949, quando passou em um novo concurso e ocupou o cargo

de escrivão, pretendido anos antes. “Cargo nomeado pelo presidente da República”, faz questão de frisar. A partir daí, novas remoções. Trabalhou ainda em Campo Alegre e Videira.

Em 1954, descobriu que seu interesse em voltar para Canoinhas tinha algo em comum com o desejo do escrivão daqui. O colega queria trabalhar em Videira. Ao descobrir isso, mais do que depressa, a troca foi feita e, assim, Francisco passou a morar efetivamente com a família em Canoinhas, até a aposentadoria.

LEMBRANÇAS

“Quando construí minha casa, a rua (Major Vieira) era de chão batido. Quando chovia, era preciso andar de bota para subir para o Alto das Palmeiras. Carros não passavam”.

Francisco lembra que uma das casas mais vistosas era do seu Virgílio Trevisani. No comércio, Francisco destaca a atuação de Emiliano Selme como comerciante de erva-mate e do Bartinik, “onde se entrava pelado e saía-se vestido dos pés à cabeça”, brinca. Entre as indústrias, destaca o trabalho das madeireiras Mussi e Zaniolo.

QUESTÃO DE OPINIÃO

Bem articulado, Francisco é bastante crítico quanto à cidade. “Infelizmente, a política que se faz em Canoinhas é a do cada um por si e Deus por todos”. Elogia prefeitos passados como Otávio Tabalipa, Osvaldo de Oliveira e Benedito Therézio de Carvalho e aponta a falta de indústrias na cidade como o principal entrave para nosso desenvolvimento.

Quando perguntado se, de todas as cidades em que morou, Canoinhas é sua preferida, Francisco confessa. “Aqui é saudável para se viver, daqui só para o cemitério”, brinca.

Quando se fala em chegar aos 100 anos, no entanto, Francisco é enigmático. “O futuro, a Deus pertence”.

Publicada originalmente em
11 de novembro de 2005.

Um gentil autodidata

Henrique Krzesinski, 67 anos, comerciante por profissão, autodidata por prazer, rememora seu passado, uma vida que se confunde com a história de Canoinhas

Não tem como não se encantar com Henrique Krzesinski, 67 anos. Quem chega em sua casa é recebido com esmero. Henrique mostra a casa, fotos, as belas esculturas do artista canoinhense Constantino Mathias que ocupam as paredes de sua sala, das quais se destaca um busto do dramaturgo inglês William Shakespeare, e abre uma estante recheada de livros, pelos quais nutre um grande carinho. A paixão pela leitura está, especialmente, em livros que retratam a Segunda Guerra Mundial.

RAÍZES EUROPEIAS

A paixão pelo assunto, no entanto, tem suas razões. Henrique é filho de europeus (a Europa foi um dos palcos principais das duas Grandes Guerras). João, seu pai, nasceu na Polônia, mas partiu a tempo de não ver seu país arrasado pela Guerra. Chegou ao Brasil junto de dezenas de outros imigrantes. João se instalou no interior de Itaiópolis, em uma localidade chamada de Paraguaçu.

Depois de duas tentativas frustradas de casamento, João se apaixonou por Catarina, quando a viu cantando no coral da Igreja. “Meu avô não queria o casamento de jeito nenhum, meu pai havia se casado duas vezes e tinha três filhos”, conta Henrique. Mas o pai de Catarina teve que ceder, João se casou com a moça e a união terminou apenas com a morte. O casal teve cinco filhos, entre eles, Henrique.

ÁGUA VERDE

“Nasci e cresci na Água Verde”, conta Henrique, orgulhoso de seu bairro natal. Entre as boas recordações da infância, lembra das manhãs de domingo, quando a família Dranka chegava da missa e se concentrava na varanda da casa onde tocavam instrumentos musicais, atraindo os vizinhos. “Os imigrantes eram pessoas muito alegres. Geralmente, cada um

tocava algum instrumento”, lembra.

Extremamente trabalhador, João fazia de tudo, desde carpintaria até comerciante. Amigo do cervejeiro João Scheler, quando havia festa no interior, Scheler levava a cerveja para comercializar e João levava sapatos, botas e demais derivados do couro, fabricação de seu filho Paulo, que trabalhava como aprendiz em uma sapataria.

A grande sacada comercial de João, no entanto, foi quando conseguiu se tornar representante de arados araucarianos, equipamento revolucionário para os agricultores da época. Seu compadre, Francisco Komochena, ferreiro de mão cheia, fazia as peças de reposição dos arados.

DE LAVADOR DE CARROS A VENDEDOR DE SUCESSO

A carreira profissional de Henrique começou cedo, quando foi trabalhar como lavador de carros na revenda da Willis Overland do Brasil, de Basílio Humenhuk. “Trabalhava e estudava, mas tive que parar na 5ª série”, lamenta Henrique, que logo emenda: “Sou autodidata mesmo”.

A época era 1960 e a legislação permitia o trabalho adolescente. “Francisco de Assis Costa era o responsável por fornecer as carteiras de trabalho na cidade”, lembra, se referindo ao representante do Ministério do Trabalho em Canoinhas.

Na intensa carreira profissional de Henrique, ele passou pela cervejaria de Rupprecht Loeffler, Olaria Prust e Posto Esso.

Boa parte de sua vida profissional, no entanto, foi dedicada à fábrica de camas dos Irmãos Zugman. Foi ali que Henrique descobriu seu talento para as vendas. “Trabalhei na Zugman de 1963 a 1970. Nesse período, vi a fábrica chegar a ter 80 empregados”, conta.

A euforia do negócio, no entanto, foi abafada pelo aumento considerável do preço da madeira, o que tornou desvantajoso industrializá-la.

Mas o talento para negociar de



Henrique: “antes se dormia de janela aberta, hoje não, é impossível”

Henrique foi aproveitado pela Propiciak Veículos, onde o vendedor se aposentou depois de trabalhar por 20 anos.

PASSADO

As lembranças da Canoinhas do passado remontam ao comércio representado por Feres Khoury, pai de Rimón Seleme, que tinha um negócio na rua Caetano Costa; Adolfo Voigt, famoso comerciante dos tecidos Aurora, que ocupava o território onde hoje está instalado o Banco do Brasil e o Knoreck Autopeças; Leopoldo Buba e a famosa casa de comércio dos Irmãos Zugman, onde hoje está o Supermercado Novo Mundo. “Eram bodegões onde tinha de tudo”, recorda. Henrique conta que, quando viajava para Joinville para vender camas, aproveitava para fazer intercâmbio entre o bodegão dos Zugman e Jorge Maierle, pioneiro comerciante joinvillense. “Os Zugman mandavam cera de abelha, ovos, crina de cavalo e Maierle devolvia em açúcar, sal,

entre outros”, conta.

Vereador de Canoinhas por duas vezes, Henrique tem opiniões radicais sobre política. É contra a pluralização partidária e fica irritado ao comentar a onda de corrupção que assola o País. Elogia a atuação de Benedito Therézio de Carvalho à frente da prefeitura de Canoinhas, mas não se arrisca a comparar ninguém. “Mudou a cultura do povo canoinhense. O asfalto trouxe o progresso (se referindo a pavimentação da SC-303), mas junto veio a delinquência, os roubos. Antes se dormia de janela aberta, hoje isso é impossível”, reflete Henrique que, contudo, mantém um velho hábito que parece lhe ser muito prazeroso – passar as tardes jogando dominó com um grupo de amigos na SBO. “Mas nunca jogamos por dinheiro”, ressalva, deixando claro que o mais importante da jogatina é manter os amigos.

Publicada originalmente em
18 de novembro de 2005.



Emília: “já fiz de tudo que se possa imaginar”

Filha da Guerra

Emília de Oliveira Gneipel, 83 anos, relembra a fantástica história de seus pais, unidos pela Guerra do Contestado, o cotidiano do interior e uma vida marcada pelo ecletismo profissional

Por mais que abomine as atrocidades que foram cometidas, tanto pelos guerrilheiros, como pelos militares, Emília de Oliveira Gneipel, 83 anos, não pode negar que foi a Guerra do Contestado que motivou a união de seus pais.

Manoel Saturno de Oliveira vivia em Rio Claro-PR. No auge da Guerra do Contestado, o lavrador sofreu um acidente que quase o fez perder o pé – uma calota caiu em seu pé. Manoel tinha 19 anos e no desespero prometeu que, se Deus livrasse seu pé, visitaria a Igreja da comunidade de Paciência dos Neves. O pé foi salvo e a promessa cumprida, para logo depois transformar a vida de Manoel num verdadeiro inferno.

Sem muitas informações sobre a Guerra que se desenrolava, Manoel não sabia que boa parte dos guerrilheiros que defendiam a soberania nacional estava na região. Ele e outros jovens amigos foram presos, arrastados por carroças sob ameaça de uma winchester.

Os prisioneiros foram levados à comunidade de Pinheiros, onde estava montado o acampamento de seus algozes.

Entre os prisioneiros dos guerri-

heiros de Pinheiros, estava a família de Geraldina Alves da Rocha. A troca de olhares entre ela e Manoel, despertou nos líderes do acampamento uma estranha decisão. Resolveram casá-los. Um casamento de mentira, feito pelos próprios guerrilheiros. Mais estranha ainda foi a relação que se desenrolou dali em diante. Os guerrilheiros não podiam ser contrariados. Como para eles Manoel e Geraldina eram esposos, o casal precisava convencê-los de que respeitava a vontade de seus algozes.

“O comandante era muito ruim, quem o contrariasse era morto na faca. Eles queimaram toda a fazenda do meu avô”, conta Emília, lembrando o que ouviu de seus pais.

Como se não bastassem as atrocidades cometidas pelos guerrilheiros contra a família, ao levantarem o acampamento, eles obrigaram Manoel, Geraldina e sua família a seguirem com eles. “Dessa forma, como eles eram obrigados a andar com os jagunços (citação da entrevistada, o CN opta por se referir a eles como guerrilheiros), ou eles eram presos pelos jagunços, ou pelo Governo”, conta Emília.

A família chegou até Santa Maria-RS com os guerrilheiros. Quando conseguiram escapar, levaram dois

anos para chegar ao Rio d’Areia do Meio, onde ficava a fazenda da família de Geraldina, reduzida a nada pela fúria cabocla.

Nessa época, Geraldina e Manoel já haviam caído nas graças um do outro e casado oficialmente na Igreja Católica. A união foi tão duradoura que acabou apenas com a morte precoce de Geraldina, aos 38 anos. 12 anos depois, Manoel faleceu.

RIO D’AREIA

Emília nasceu na localidade de Rio d’Areia do Meio, em 1922. Das lembranças da infância, ela recorda das inúmeras serrarias que existiam na localidade, especialmente das serrarias Zaniolo e Procopiak.

Outra recordação que não sai da cabeça de Emília remonta aos ervais que pareciam infinitos. “Quando eu tinha 19 anos, toda a família trabalhava nos ervais.”

Marcado pela visão machista das coisas, a vida no interior reservava dissabores para as mulheres. Na visão de muitos pais, apenas os homens podiam estudar. “Mas não me arrependo, aprendi muito na escola da vida”, define Emília.

CARREIRA

Aos 19 anos, Emília veio para a cidade. Foi uma das primeiras funcionárias da recém-inaugurada fábrica Procopiak. Era a época da Segunda Guerra Mundial e a reconstrução das nações atingidas movimentava a indústria da construção. Os laminados e compensados da Procopiak eram exportados para todo o mundo.

Uma das passagens das quais Emília não esquece, enquanto trabalhava na Procopiak, foi quando tomou um choque elétrico que por pouco não a matou. “Fui salva porque, por sorte, o médico da empresa entrou na fábrica naquela hora. Eu já estava enrolando

a língua”, recorda.

Em 1943, Emília se casou com Artur Benjamim Gneipel.

“JÁ FIZ DE TUDO QUE SE POSSA IMAGINAR”

Quando ela começa a revelar as atividades profissionais que desempenhou, é mesmo essa impressão que se tem. Vai desde vendedora de carnê do Baú da Felicidade, passa por pedreira, até doceira de mão cheia. Aliás, não é à toa que sua filha, Irene, ajuda os filhos numa padaria e confeitaria. “Ajudava a Helena Soares a fazer até 80 formas de cuque para a festa da Igreja Matriz”, recorda.

A fama de boa cozinheira era tão grande que Emília era requisitada por famílias ricas de Canoinhas, que não a dispensavam quando ofereciam um jantar.

Emília conta também que ajudava Tereza Gobbi, a grande entusiasta da construção do Hospital Santa Cruz. “Ia a Marcílio Dias ajudar dona Tereza a recheir e assar até 30 galinhas de uma só vez. O lucro da venda das galinhas era para ajudar o Hospital”, conta.

APOSENTADORIA

O fim da carreira de Emília foi no serviço público. Aposentou-se como merendeira do Colégio Santa Cruz, depois de passar anos cozinhando para os estudantes do Colégio Almirante Barroso.

Fraquejada por uma cirurgia nas pernas, Emília passa os dias fazendo crochê. Baseada numa vida dedicada ao trabalho e na ânsia de mostrar que ainda pode fazer muita coisa, Emília fez 15 colchas de crochê para os filhos e netos. Uma atividade admirável, que reforça o amor de Emília pelo trabalho, pela família e pela vida.

Publicada originalmente em 25 de novembro de 2005.



19 anos de muita **energia**
para Canoinhas e região



Fone: (47) 3622-7878 - Canoinhas-SC
Rodovia BR-280, nº 4701 - Bairro Boa Vista - 89460-000
www.quantumengenharia.net.br

É motivo de orgulho viver em uma terra que, valorizando os exemplos de sua história, se dedica para a construção de um futuro ainda melhor. Parabéns a todos os canoinhenses que diariamente trabalham, estudam e buscam fazer a diferença em nosso município.

Parabéns a toda equipe do Jornal Correio do Norte por mais uma vez oferecer aos leitores histórias que servem como exemplo para todos nós.

Forte abraço!



Beto Faria e Larissa Wilson Pereira e Viviane



Canoinhas tem a história de sua gente

Uma cidade é o somatório da vida das pessoas que fazem o seu cotidiano. A força da comunidade está relacionada ao empenho dos que promovem sua transformação. São agentes da mudança os que se dedicam a fazer o melhor, por si, suas famílias e pelas pessoas com quem convivem. E exatamente por isso merecem reconhecimento.

A iniciativa do Correio do Norte em resgatar personagens que fazem a história de Canoinhas merece nosso apoio e de todos os que querem bem o nosso município.



Deputado Estadual

ANTONIO AGUIAR

Sangue índio nas veias

Legítimo descendente de índios, Lourenço Ribas, 72 anos, conta a fantástica história dos avós índios, a sofrida vida no campo e lembra a tormentosa Guerra do Contestado que seus pais testemunharam



Lourenço: “antigamente se plantava para a subsistência e para o comércio”

Lourenço Ribas, 72 anos, é um homem de fé. Agente pastoral da Igreja Católica, ele ajuda nos trabalhos litúrgicos desde 1964. Tamanha devoção, não nega, talvez seja fruto de suas raízes indígenas. “Os índios são muito religiosos”, conta, ao comentar as impressões que teve quando, em 1997, passou um mês convivendo com índios da tribo Terena, em uma reserva no Mato Grosso do Sul, a pedido da Igreja, a fim de catequizar os índios.

Suas origens, porém, são remotas, mas parecem tão vivas em Lourenço que demonstra grande orgulho pela avó paterna, índia nativa, e o avô, um índio postiço, mas

não menos fiel aos rígidos padrões de conduta e ética indígenas.

TERRA DE NINGUÉM?

No final do século 19, era essa a impressão que muita gente tinha da região de Canoinhas: uma vasta e rica área de terras esperando por um dono. Na verdade, não era bem assim. Aqui viviam milhares de índios nativos.

Com a impressão de que a terra estava pronta para ser ocupada, em 1887, bandeirantes da Lapa-PR construíram uma canoa e abasteceram-na com mantimentos, decididos a descer o rio Iguaçu com destino à região onde se fundaria, mais tarde, Canoinhas.

Antes, porém, eles buscavam

alguém que pudesse fazer os serviços domésticos, enquanto estivessem desbravando a mata. Para isso, pegaram um menino, em sua adolescência, que topou acompanhar os homens. Esse menino era o avô paterno de Lourenço, que se chamava, justamente, Lourenço. O menino simplesmente rompeu com a família, que nunca mais ouviu falar dele.

Ao chegar à comunidade de Porto Ribeiro-PR (próximo da localidade conhecida hoje como Taunay), aportaram e construíram um rancho. Lourenço, o avô, passou muito medo no local, já que os índios, desconfiados, viviam à espreita.

Quando a comida estava acabando, os bandeirantes decidiram voltar a Lapa para abastecer a despensa. O único problema era o menino. Ele não poderia ser levado junto, sob o risco de levá-los à prisão, já que praticamente o haviam sequestrado. Para resolver o impasse, deixaram Lourenço sob o pretexto de que trariam roupas e mimos quando voltassem. Relutante, o menino concordou.

Quando voltaram, tempos depois, se surpreenderam com o rancho inabitado. Lourenço havia desaparecido. Poucos dias depois, descobriram, Lourenço vivia em meio aos índios, que o adotaram como a um filho.

Anos mais tarde, Lourenço se casou com uma índia nativa, Messias. Fora da tribo, o casal fez parte da colonização de um povoado na região que passou a ser conhecido como Matão.

CONTESTADO

Para Lourenço, não existiu Contestado, pelo menos em nossa região. “Isso foi uma bagunça”, opina baseado no que ouviu dos pais. “Meus pais sofreram muito, tiveram que fugir de Matão para Porto Ribeiro-PR. Os jagunços invadiam as propriedades, queimavam e destruíam”, lamenta. “Meus pais sofreram muito com aquilo. Quando voltaram, encontraram tudo quei-

mado, destruído”, conta. A família só se reergueu com muito trabalho.

VIDA NO CAMPO

Aos 10 anos, Lourenço veio estudar no Centro de Canoinhas. Aqui, o menino passou pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus e pelo Almirante Barroso. “Estudávamos, paralelamente, no Colégio e na Igreja”, lembra se referindo a uma característica das famílias da época, a preocupação com a formação religiosa.

Aos 16 anos, Lourenço voltou a Matão para ajudar os pais e as irmãs – ele era o único filho homem. O forte da agricultura na época era a erva-mate. “Plantávamos, beneficiávamos e vendíamos ao Seleme, em sacos de 50 quilos. O Seleme tinha uma representação que revendia erva-mate para a Leão, de Curitiba, que distribuía a erva para todo o País e países vizinhos”, conta.

Em 1955, Lourenço se casou com Julia Padilha, fato que lhe despertou a vontade de mudar. Tentou a vida de caminhoneiro, mas não demorou muito para perceber que o campo lhe proporcionava uma vida menos agitada.

Anos depois, tentou novamente mudar de ramo. Havendo a necessidade de um professor em Matão, e como Lourenço tinha certo grau de estudo, topou alfabetizar as crianças da localidade. Dessa forma, necessitando aperfeiçoar os estudos, Lourenço lecionava durante o dia e, à noite, de bicicleta, percorria 14 quilômetros para estudar na cidade para concluir o Ensino Médio.

Anos mais tarde, depois de conseguir transferência para o Colégio Santa Cruz, trouxe a família para a cidade. Foi transferido para o Colégio Irmã Maria Felicitas e se aposentou em 1992. Fim da carreira de um homem que precisou se adaptar aos novos tempos, que praticamente excluíram a agricultura do rol dos bons negócios. Início de uma nova vida, dedicada quase que integralmente à Igreja.

Publicada originalmente em
2 de dezembro de 2005.

Craque do passado

Julio Wendt, 73 anos, relembra a época de ouro do futebol canoinhense, quando fez fama no Ipiranga. Lembranças de um hobby que marcou sua vida, mesmo tendo optado por outra carreira profissional

Julio Wendt tem 73 anos, mas avisa: “quero viver até os 90”. Pragmatismo de um homem que parece sempre ter planejado sua vida, tanto profissional quanto familiar, só não planejou uma torção aos 10 minutos do primeiro tempo de um jogo que disputou contra o Canoinhas, na década de 1950, e que o tirou dos campos de futebol para sempre. Um de seus mais amados hobbies, que o fez sentir o doce sabor da vitória nos áureos tempos do Ipiranga, seu time do coração, no qual jogava sem salário, “por puro amor à camisa”.

ORIGEM

Julio nasceu em 1931, filho do lapeano Bernardo Wendt Junior e de Adelaide Budant, que se conheceram em Pinheiros, interior de Canoinhas. Julio, no entanto, nasceu nas proximidades da localidade conhecida como Farinha Seca.

Antes de vir para a cidade, Bernardo mantinha um pequeno comércio em Pinheiros. Foi lá que ele viu os horrores e atrocidades cometidos por guerrilheiros e soldados durante a Guerra do Contestado. Mas, ao contrário de boa parte dos comerciantes da época, Bernardo tem uma história inusitada. “Meu pai era uma pessoa de muito bom coração, ajudava a todos, e os jagunços eram amigos dele, assim como os soldados”, conta Julio. Bernardo saiu ileso da Guerra, ajudando todos que chegavam em sua venda. A Guerra se foi e Bernardo ficou. Saiu de Pinheiros apenas quando percebeu que os filhos estavam crescendo e precisavam de estudo, artigo raro no interior.

Em Canoinhas, Bernardo passou de patrão a empregado. Trabalhou como caixa nas Lojas Unidas, um dos principais pontos do comércio local, de propriedade da família Fuck, e na Cooperativa do Mate.

LONGA VIAGEM

Em uma cidade tomada pelo mato, vir da Farinha Seca para o centro de Canoinhas era uma verdadeira odisséia. Para facilitar os estudos dos filhos, Bernardo e Adelaide decidiram morar no centro de Canoinhas. Quando Julio tinha 7 anos, a família se mudou para as terras onde Julio mora até hoje. Dali, ele saía todas as manhãs para estudar no Colégio Almirante Barroso, até o concluir o curso complementar. Para cursar o Ginásio, precisou ir para Mafra, morar com um tio. Além dos quatro anos de estudo, a estadia de Julio na casa do tio precisou ser prorrogada por mais um ano, por conta de uma meningite que o fez perder um ano de estudos e quase o matou.

Recuperado e formado, Julio voltou a Canoinhas para trabalhar.

A PAIXÃO IPIRANGA

Julio e outros cinco funcionários do Banco Nacional – onde ele começou a trabalhar assim que voltou a Canoinhas – apuravam para encerrar o expediente mais cedo e poder correr para treinar para o Ipiranga, no Estádio Alinor Vieira Corte, em frente à atual sede da Rádio Clube. “Era tudo feito por amor ao time mesmo, ninguém recebia e, às vezes, ainda tirava dinheiro do bolso”, revela.

A falta que o time fez nos quatro anos em que Julio trabalhou na agência de Curitiba do Banco Nacional foi completada assim que ele re-



Julio sobre o Ipiranga: “era tudo feito por amor à camisa”

cebeu convite da madeireira Mussi para ser o contador da empresa.

O ano era 1957, que aliás, Julio não esquece. Foi quando casou com Ana Olsen e perdeu o pai. Foi também em 1957 que o time do Canoinhas começou a despontar.

Pouco tempo depois, o Canoinhas ganharia o forte campeonato da Liga Esportiva Canoinhense. Para homenagear a equipe, uma seleção entre os derrotados foi criada para um jogo comemorativo. Foi nesse jogo, em que Julio jogou pela Seleção, que encerrou sua carreira de esportista. Uma torção, o fim do Ipiranga e a desconfiança de que nada seria como antes.

DIVERSÃO

A diversão dos domingos começava com o futebol à tarde e terminava com cinema à noite. De vez em quando, aconteciam os bailes do Clube Canoinhense. “Quando não tinha baile, buscávamos a pé o Alfredo Langer, que tinha um bândio (gaita), para tocar para nós no Clube”, recorda. Existiam ainda

os bailes do Clube Operário e Chico Bechel (na esquina da avenida Expedicionários com a rua Guilherme Prust). “Em dias de chuva, como era estrada de chão batido para chegar ao salão do Chico Bechel, chegávamos lá com o sapato cheio de barro. No bom do baile, era preciso parar para varrer o barro.”

COMÉRCIO

Em 1967, Julio deixou a Madeireira Mussi para trabalhar no imenso comércio de Germano Stein, que ficava onde hoje está localizada a Casa Para Todos. Do outro lado da rua, onde hoje está o HSBC, funcionava a concessionária Procopiak. O fim de nove anos de trabalho com Stein foi efetivado quando Julio atravessou a rua para ir trabalhar com a Procopiak Veículos, onde se aposentou 11 anos depois.

Hoje, a diversão de Julio está no sítio da família. “Se pudesse, vivia lá”, confidencia.

Publicada originalmente em 9 de dezembro de 2005.

A rua por testemunha

Se a rua Vidal Ramos falasse, falaria muita coisa sobre a vida de Hildegard Thiem, 75 anos, que nasceu, cresceu e até hoje mora na mesma rua. Na entrevista a seguir, Hildegard faz um verdadeiro tratado sobre a Vidal Ramos, desde sua origem até hoje



Hildegard sobre a Vidal Ramos: “apenas quatro famílias resistem ao tempo morando aqui”

Hildegard Thiem, 75 anos, é metódica como boa parte dos professores. Lecionou por 30 anos, passou pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus, Colégio Comercial, foi aluna, professora e diretora do Colégio Almirante Barroso, onde se aposentou em 1981. A personalidade metódica se expõe na forma como conduz a entrevista, toda planejada, organizada e bem articulada. O resultado é um verdadeiro tratado sobre a história da rua Vidal Ramos, uma das principais de Canoinhas.

UMA VIDA, UMA RUA

A descrição da rua Vidal Ramos antes da década de 1950, palco de desfiles cívicos por anos, começa na esquina com a Felipe Schmidt,

onde hoje está o Banco Bradesco. Ali ficava a casa de Daniel Seleme, que tinha ao lado um paiol de erva-mate. Na época de ouro do mate, conta Hildegard, era comum encontrar até sete carroças à espera de descarregar erva-mate que Daniel comercializava. “Quando ancoravam as lanchas (espécies de iates rústicos) à beira do rio Canoinhas, um único caminhão e carroças levavam a erva para o rio. Dali, a erva era transportada para cidades vizinhas”, conta Hildegard, recordando também das tropas de bois e mulas que passavam cotidianamente pela rua.

Ao lado do paiol, ficava a casa dos Thiem, onde Hildegard nasceu, assim como seus irmãos gêmeos, Siglinde e Sigfried. Seus pais, Gustavo e Hulda, se instalaram na casa em 1926, vindos de Jaraguá do Sul.

Ao lado da casa dos Thiem,

moravam Bernardo e Helena Silva, que fabricavam pirulitos, a alegria dos alunos da Escola Ana Cidade, que ficava onde hoje está a Clínica da Mulher e da Criança.

A Escola Ana Cidade foi extinta em 1935, com a inauguração do Colégio Almirante Barroso, e no prédio se instalou a Coletoria Estadual.

Onde hoje está a Secretaria de Desenvolvimento Regional, era mato, com muitas árvores, bastante erva-mate e, no meio, um tronco de imbuia podre, caído, com mais de dois metros de diâmetro, onde se abrigava um casal folclórico – o velho Antonio, também conhecido como ‘rei dos bichos de pé’, e Paulina Azul. “Se era um casal ou apenas companheiros de infortúnio, não se sabia, não eram sociáveis. À noite, bebiam e brigavam”, lembra. Mais tarde, juntou-se a eles Maria Bezerra, outra lendária andarilha. “Comentava-se que ela teria sido uma grande professora no interior, que se perdeu na bebida”. Quando o Estado começou a construir o DER, os três desapareceram.

PRAÇA LAURO MÜLLER

A praça Lauro Müller era um descampado, por volta de 1940, quando o prefeito Alinor Vieira Côrte começou a arborizar o local que era usado para a instalação de parques e circos mambembes.

Nas imediações, havia correios, Hotel Wagner, açougue, ferraria e a Sociedade de Ginástica, comandada por alemães, onde hoje está o prédio desativado da Procopiak.

Ativos, os alemães organizavam grandes apresentações de seus ginastas. “Não me esqueço de certa vez, quando eles fizeram uma passeata com tochas à noite. Como a luz era fraca, impressionava o fogo das tochas”, recorda Hildegard.

Os alemães se apresentaram muitas vezes na antiga sede da Sociedade Beneficente Operária, que acabou queimada.

A Fundação Municipal de Cultura de hoje já foi Prefeitura e Câmara

dos Vereadores. A Prefeitura, aliás, inicialmente, era onde está o Fórum da Comarca. Onde hoje está a Farmácia Hesse, funcionava o Cine Castelans, transformado depois em Pista de Patinação.

Ao lado, ficava o prédio da Canoinhas Força e Luz.

TIRO AO ALVO

Hildegard fala com orgulho do pai, um dos fundadores da Sociedade de Tiro ao Alvo. A maioria dos componentes era alemã. As festas eram marcadas por um ritual de festividades que começavam com a escolha do Rei do Tiro e culminavam com as provas, disputadas com balas de verdade. Os bailes eram realizados no Salão de Alvino Koch, depois no Salão do seu Lessmann, e animados por conjuntos de Jaraguá do Sul, Pomerode e pela família Bollmann, pai e filhos que tocavam muito bem, na opinião de Hildegard.

Mas aí veio a 2ª Guerra Mundial e os alemães foram reprimidos no Brasil. O idioma foi proibido e muitos foram deportados. Em 1947, a Sociedade desmantelada voltou a se organizar, com mudanças. A começar pelo tiro, que era à flecha e não mais à bala.

ATIVA

Hildegard não usa a idade que tem para se recolher. Faz parte da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas da Igreja Luterana, frequenta o grupo de 3ª Idade Bambi, coordenado por sua irmã, e faz parte da Associação Catarinense de Professores – núcleo Canoinhas, além de reger o coral Ressurreição, da Comunidade Luterana de Marçílio Dias. Tudo isso completa os dias de Hildegard, uma admirável e simpática senhora que parece sempre estar pronta para novos desafios, novas atividades, mas nunca para deixar de morar na rua Vidal Ramos.

Publicada originalmente em
16 de dezembro de 2005.

Em busca de uma vida melhor

Francelina Nogatz Karoleski, 93 anos, relembra uma vida de sacrifícios, na busca pelo melhor para os filhos, uma vida de aventuras, perdas e vitórias

Francelina Nogatz Karoleski, 93 anos, é uma senhora inquieta. “Quero ajudar minha filha, mas nem sempre posso”, diz se referindo a Nathália, com quem mora. A inquietude é fruto de uma vida dedicada ao trabalho, acostumada a sacrifícios e muito empenho na busca por uma vida melhor.

A história de Francelina começa em Antonio Olinto, interior do Paraná, onde nasceu e permaneceu até os 2 anos de idade.

Em 1914, a família de Francelina, os pais José e Frevônia e sete irmãos, chegou a Canoinhas, cidade recém-fundada, ainda denominada Santa Cruz de Canoinhas.

Eles se fixaram na localidade conhecida hoje como Salto d'Água Verde. O ofício aprendido por José na Ucrânia, de onde emigrou no início do século, serviu para ele se tornar pioneiro em Canoinhas, ao construir o primeiro moinho da cidade.

Francelina lembra que a família chegou a Canoinhas por meio de uma embarcação marítima. A embarcação, uma espécie de pequeno navio, cruzou os rios Iguazu e Negro até entrar no rio Canoinhas. O desembarque era feito nas proximidades da ponte da atual rua Guilherme Prust. “Ali, nosso pai, que já estava há algum tempo em Canoinhas, nos aguardava com uma carroça”, conta, se referindo ao local onde Canoinhas começou a se desenhar como cidade. Ficavam à beira do rio as primeiras casas da cidade recém-fundada.

VIDA EM CANOINHAS

A cidade foi ponto de partida para Francelina. No Salto d'Água Verde, ela começou ajudando o pai na lavoura e no moinho de cereais.

A precariedade do local fez a família se mudar, alguns anos depois, para a localidade de Rio dos Pardos, onde Francelina conheceu, namorou e se casou com Alberto Karoleski. Um amor fulminante, que esperou apenas dois meses entre o início do namoro e o casamento.

Assim como José, Alberto era inquieto na busca por uma vida melhor para a família que se avolumava. Por isso, levou a família para Rio d'Areia do Meio.

O ano era 1942. Alberto e Francelina tinham quatro filhos. Não demorou muito para perceberem que a vida no Rio d'Areia do Meio não era muito diferente da vida em Rio dos Pardos. Ousado, Alberto lançou-se a própria sorte. Por 35 dias, a família viajou de carroça para Cascavel-PR. O que motivou a família à aventura foram as notícias de que na cidade paranaense havia terra ociosa em fartura e muito progresso.

Terra até tinha, mas, sobre ela, uma mata densa e fechada, habitada por animais selvagens e insetos em abundância. “Nosso rancho era frágil, não tinha segurança alguma. Ainda assim, aguentamos sete meses”, conta.

A viagem de volta foi outro drama. Mais 35 dias. Na bagagem, ao invés de esperança, desilusão, e a certeza de que precisariam encontrar forças para reconstruir a vida em Rio dos Pardos.



Francelina: “por tudo que passei, não esmoreci, Deus sempre me ajudou”

A ESPERANÇA RENASCE

Por dois anos, a família Karoleski tentou viver no Rio dos Pardos, mas as dificuldades eram inúmeras, e, sem grandes perspectivas, a família retornou ao Rio d'Areia, onde permaneceram pelos próximos 25 anos, cuidando do sítio de Willy Groskopf.

A vida nômade continuou quando Alberto decidiu largar a agricultura e se aventurar na cidade.

Em Três Barras, fez de tudo um pouco. Trabalhou como capataz da fazenda Jangada. Lá, Francelina chegou a assar pão em um buraco aberto no barranco de um rio. “Era sacrificante, mas, pelo menos, tínhamos o que comer”.

A fazenda ficava a 15 quilômetros do centro de Três Barras, ainda distrito de Canoinhas. “Por isso, meu marido tinha que trazer um saco de mantimentos nas costas todo fim de mês”, conta.

Um ano depois, a família foi morar no centro de Três Barras. Alberto trabalhava por dia, com pintura de parede, carpintaria e chegou a construir trilhos para passagem dos trens da Lumber.

Para ajudar na renda familiar, Francelina lavava roupas e cozinhava para 15 pensionistas que trabalhavam na implantação da empresa Rigesa.

“Depois, moramos no Campo Militar, onde Alberto morreu de

câncer”, lembra.

A desapropriação das casas, que posteriormente foram demolidas para instalação do Campo de Instruções Marechal Hermes, fez Francelina ir morar com a filha Julia.

Quando Julia mudou-se para Curitiba-PR, Francelina não quis acompanhá-la e, então, foi morar com a filha Nathália e o genro Antonio.

Dos oito filhos, dois homens e uma mulher são falecidos.

VIDA NO INTERIOR

Embora tenha passado por grandes privações, Francelina não se queixa da vida no interior. “Trabalhávamos o dia todo, fazíamos pichiruns (mutirões), mas à noite aconteciam bailes muito divertidos. Não havia cansaço. Hoje não trabalho e vivo cansada”, brinca.

Mesmo reclamando, Francelina demonstra disposição invejável. Participa de um grupo de 3ª Idade, no qual foi candidata a rainha, viajou em inúmeras excursões e avisa: “Enquanto tiver saúde e disposição, quero viver. Até a hora que Deus disser ‘chega’, aí eu paro de viver”, conclui sorrindo.

Publicada originalmente em 23 de dezembro de 2005.

No tempo dos alfaiates

João Linzmeier, 73 anos, relembra o tempo em que roupa nova era sinônimo de alfaiate, relembra a história da principal rua de Canoinhas e uma vida marcada por vitórias e dificuldades



João: “houve uma época em que os alfaiates eram profissionais indispensáveis

Dizem que quem passou por grandes provações na vida carrega no rosto uma expressão de angústia e/ou amargura. Se essa é uma regra, existe pelo menos uma exceção que atende pelo nome de João Linzmeier, 73 anos, conhecido por manter um dos comércios mais tradicionais de Canoinhas. A Loja Preferida existe desde 1960, localizada na rua Paula Pereira, principal da cidade. Mas a história de João começa em uma época em que ele nem imaginava que teria, um dia, o que tem hoje. Não pela idade, mas pelas privações de uma vida órfã e sofrida.

PEÇAS PREGADAS PELA VIDA

João nasceu e morou em Itaiópolis até a adolescência. Aos 10 anos, perdeu o pai. Uma tora caiu em cima

de Engelberto Linzmeier quando tentava acomodá-la em um carretão – meio de transporte de carga pesada muito usado nas serrarias do início do século 20.

Cinco anos depois, Maria, mãe de João, morreu em uma mesa de cirurgia. Foi quando João percebeu definitivamente que precisava encontrar um rumo, que a orfandade era como um ultimato para seu amadurecimento.

Foi com o irmão mais velho, Francisco, que João aprendeu o ofício de alfaiate. Dois anos depois da morte da mãe, estava em Canoinhas para trabalhar na famosa loja Renner, especializada em alfaiataria. A única família de João era os que com ele dividiam a pensão de João Neuberger, na rua Paula Pereira, uma rua de chão batido, com poucas casas e comércios. Era início da década de

1950 e o ‘centro’ de Canoinhas estava na rua Vidal Ramos. A Renner, inclusive, estava localizada em frente à Prefeitura, onde hoje está o Fórum da Comarca.

Até 1953, João trabalhou na Renner. Acabou voltando para Itaiópolis, trabalhou outros cinco anos com Francisco e comprou a alfaiataria do irmão. Casou com Emília Schadeck, com quem teria cinco filhos.

O casamento o levou para Mafra, na localidade de Augusto Vitória, onde cuidou por três anos da fazenda do sogro.

A VOLTA

João, a mulher e o filho mais velho chegaram a Canoinhas no início da década de 1960. João estava decidido a criar raízes na cidade. Começou pelo que melhor sabia fazer. Foi na Alfaiataria Popular, de Otto Hoefner, que ficava próximo do Arroio Monjolo, que João recomeçou em Canoinhas. Pouco tempo depois, juntava suas economias, incluindo o dinheiro da venda da alfaiataria que era do irmão, e comprava a propriedade de Adão Franke, na rua Paula Pereira. Ali, João e Emília criaram os filhos e construíram a loja Preferida. Inicialmente, a especialidade da loja era alfaiataria, numa época em que a cidade tinha pelo menos 20 alfaiates. Com a mudança de conceito, que levou as pessoas a considerarem a praticidade de se comprar a roupa pronta, a Preferida também precisou se adaptar. Com isso, João foi abandonando, aos poucos, a profissão de alfaiate para se firmar cada vez mais como comerciante.

CANOINHAS

Por ter testemunhado meio século da história da cidade, João arrisca alguns palpites sobre fatores que atrasaram o desenvolvimento de Canoinhas. “A cidade evoluiu bastante, mas poderia ter evoluído mais, se dezenas de madeiras não tivessem falido”. O segundo obstáculo do crescimento, apontado por João, é um problema nacional: a alta carga tributária.

Como bons prefeitos que passaram pela Prefeitura de Canoinhas, João destaca o trabalho de Benedito Theresio de Carvalho e o primeiro mandato de José João Klempous. “Antes ainda era mais fácil ser prefeito, hoje tem que administrar contas e ouvir besteiras”, compara.

RUA PAULA PEREIRA

A rua Paula Pereira, hoje principal de Canoinhas, já teve época de chão batido e muito mato. Nos anos 1950, lembra João, poucas casas e comércios existiam na rua. O maior comércio era o da família Zugman, onde hoje está o Supermercado Novo Mundo. Havia Virgílio Trevisani e sua sapataria, Café Woitexen, Leopoldo Buba e seu ‘Bodegão’, o barzinho com sinuca do Valfrido Langer, a alfaiataria de Antonio Burgardt, o bar e padaria Guarani, onde hoje está a loja MG, e a famosa Casa Erlita.

Foi na Paula Pereira que os ônibus começaram a substituir os trens. “Os ônibus da União Catarinense saíam da frente da oficina do Moreschi (na esquina com a rua Barão do Rio Branco)”.

ACIDENTE

Um acidente de carro, em 1981, quase tirou a vida de João. Ele viajava de carona com o amigo Sérgio Trevisani. O carro saiu da pista em Rio Negrinho e caiu em um despeñadeiro. João ficou em coma por 13 dias. Levou quase dez anos para se recuperar completamente. “Nasci de novo”, acredita.

Experiências como essa, somadas à perda precoce dos pais e as privações da infância, levam João a agradecer pela vida que tem. “É como um carro: para quem andou a pé a vida inteira, não sente falta. Mas deixe a pé quem está acostumado a um carro”, filosofa, com a certeza de quem aprendeu a ser paciente, mas nunca aceitou a derrota. Por isso, lutou e venceu.

Publicada originalmente em 13 de janeiro de 2006.

Carolina
Ferreira
Carvalho

*Orgulho de sermos
Canoinhenses*

Habitare



Imóveis

CRECI 2981J

Herdeiro de um pioneiro

Sérgio Trevisani, 67 anos, filho do primeiro sapateiro de Canoinhas, relembra as histórias contadas pelo pai sobre os primórdios da cidade, uma vida dedicada ao comércio e aos filhos



Sérgio: “não se distinguia as lojas, em todas se vendia de tudo”

Existiu uma época em que os valores profissionais eram outros. Os computadores não existiam, as fábricas engatinhavam na mecanização e as grandes estrelas eram os homens que sabiam fazer com as mãos o que poucos faziam. Nessa época, alguém como Virgílio Trevisani, que havia feito um curso de sapateiro em Porto Alegre, era um profissional muito bem quisto pelo comércio.

Sorte ele teve quando, em 1916, depois de uma temporada em Curitiba, resolveu vir para a recém-fundada Santa Cruz de Canoinhas.

O ano não foi uma escolha à toa. A Guerra do Contestado havia cessado fogo recentemente e a região começava a se abrir para os colonizadores.

Decidido a colocar em prática o ofício aprendido, Virgílio montou a primeira sapataria de Santa Cruz de Canoinhas, na rua Paula Pereira.

Hoje, mais de 90 anos depois, esse local pode ser identificado pela MG Móveis, de propriedade de um dos netos de Virgílio.

Para entender esses 90 anos de história, infelizmente não é possível ouvir Virgílio, morto há 27 anos. Mas Sérgio Trevisani, 67 anos, um

de seus herdeiros, lembra claramente do pai, suas histórias e a evolução da pequena sapataria que viria a se tornar uma rede de lojas em Canoinhas.

A SAPATARIA QUE VIROU LOJA

Até 1960, a sapataria Trevisani manteve-se intacta. “Não era somente conserto, meu pai confeccionava sapatos. Sua fama era tão grande que coronéis lá da Serra do Lucindo o chamavam para consertar seus sapatos e botas”, recorda Sérgio. Para se fazer um único sapato, levava-se um dia. Além de botas e sapatos, Virgílio fabricava arreamento para puxar carroças e selas para montaria.

A partir de 1961, ao lado da sapataria, foi montada uma pequena loja onde, a exemplo de boa parte do comércio local, se vendia de tudo um pouco.

Foi nesse ano que Sérgio assumiu os negócios do pai.

Ele explica que os negócios não se restringiam à loja. “Saíamos pelas cidades da região, como mascates para comerciar”, conta.

Perguntado se no passado era melhor de comerciar do que hoje, Sérgio é enfático: “se trabalhar valendo, todo o ramo é bom. Os consumidores aumentaram, mas, em contrapartida, a concorrência também”.

RUA PAULA PEREIRA

Sérgio descreve a rua Paula Pereira do passado com esforço, mas clareza. Em frente à sapataria do pai, ficava uma loja pertencente a dois de seus 12 irmãos. Recorda o mercadão dos Zugman, a fábrica de camas e a loja do Buba. “Não se distinguia as lojas. Em todas se vendia de tudo”, lembra.

Sérgio ressalta que, até a metade do século 20, existiam poucas casas na Paula Pereira. “O centro de Canoinhas estava nas proximidades do rio Canoinhas. Havia Correios (na antiga sede da empresa Procopiak), Hotel (Spies),

a praça, que era um campo limpo, mais parecendo com um campo de futebol”, diz.

CRESCIMENTO

Para Sérgio, Canoinhas poderia ter crescido muito mais, a julgar por sua história. “O problema está nos políticos eleitos aqui, que, ao invés de retribuírem em obras para o município, levaram recursos para outros lugares”, acredita.

Como um dos agravantes do retrocesso da cidade, Sérgio aponta a instalação da Lumber em Canoinhas, uma das causas da Guerra do Contestado. Sem a Lumber, Sérgio acredita que a crise da madeira seria adiada ou nem aconteceria. Sérgio lamenta tanto a Guerra quanto a passagem da Lumber pela cidade. “O Governo contratava matadores de aluguel para matar os guerrilheiros, a fim de proteger a Lumber”, diz indignado.

LEMBRANÇAS DE JUVENTUDE

A adolescência de Sérgio foi intercalada por estudos, banhos nos rios Canoinhas e Água Verde, cinema aos domingos, no Cine Operário, futebol e paqueras.

Na juventude, havia os bailes, as “dancinhas” de fim de tarde de domingo no Clube Canoinhense. Foi em um desses bailes que Sérgio conheceu Natalia Wendt, com quem se casaria em 1963. Do casamento, nasceram quatro filhos homens. Três deles são herdeiros do negócio que começou com uma pequena sapataria de madeira e se tornou uma rede de três lojas espalhadas pelo centro da cidade. Um grande orgulho para Sérgio, que aprendeu com o pai a difícil e satisfatória arte de comerciar e que, com dedicação e esforço, qualquer negócio prospera. Uma lição que parece ter passado aos filhos.

Publicada originalmente em 27 de janeiro de 2006.

Em sintonia com a natureza

Virgílio Metzger, 67 anos, vive em um verdadeiro santuário ecológico, onde árvores crescem livremente, sem interferência humana. Além de falar sobre a paixão pela natureza, Virgílio relembra a Marcílio Dias da época de ouro da Estação Ferroviária e a gênese de uma das bandas mais tradicionais da cidade

Quase dois quilômetros quadrados de mata nativa rodeiam a casa onde Virgílio Metzger, 67 anos, mora. Um orgulho para ele. É nesse belo cenário que Virgílio começa a contar a história dos Metzger, trajetória que se confunde com a do distrito de Marcílio Dias.

Bernardo Metzger, seu pai, chegou por essas terras em 1920. Veio de Rio Negrinho para trabalhar na olaria de Valdomiro Olsen, filho do pioneiro de Marcílio Dias, Bernardo Olsen.

Vigando, outro herdeiro de Bernardo Olsen, também tinha uma olaria. Queria que Bernardo Metzger fosse seu sócio. Bernardo não aceitou. Vigando fez um empréstimo, mas acabou falindo. Tempo depois, acabou se recuperando e investindo novamente na olaria, que então vingaria com sucesso. O crescimento da olaria foi tamanho que Vigando chegou a ajudar Bernardo Metzger a construir uma das obras mais antigas de Canoinhas – o Salão fundado em 1935, conhecido hoje como do Coringa, apelido do irmão de Virgílio. Nessa época, além de salão de festas e bar, a propriedade dos Metzger funcionava também como pensão para os funcionários de Vigando. Os mais abastados ficavam em quartos mais requintados, que lembravam hotéis.

LUZ ATÉ ÀS 22 HORAS

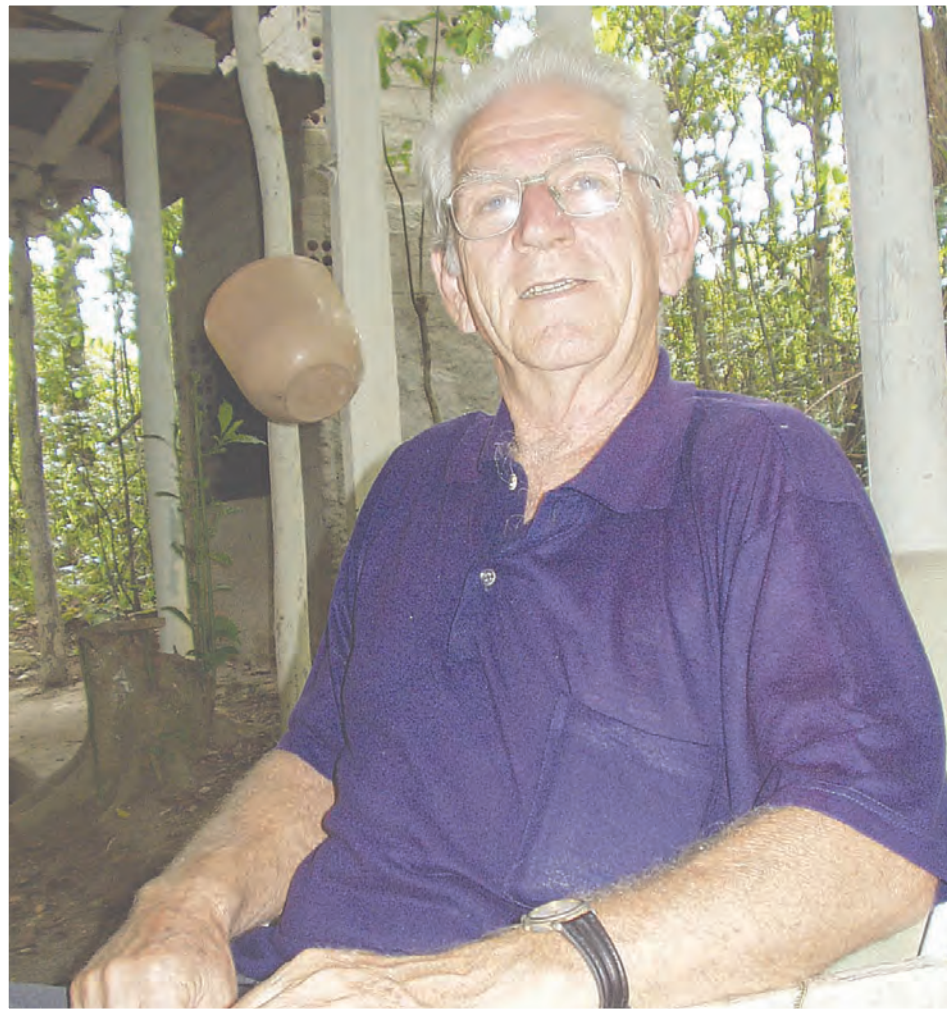
O sucesso do Salão Metzger foi imediato. Com a Estação Ferroviária a

poucos metros, e o grande número de funcionários de Vigando, o movimento no Salão era intenso. Aumentou ainda mais quando Bernardo Metzger comprou um rádio, o único do distrito. Vigando deu uma forcinha instalando uma caldeira particular que fornecia energia elétrica até às 22 horas para o distrito. Dessa forma, era grande o aglomerado de pessoas no Salão Metzger para ouvir rádio antes do toque de recolher.

Bernardo foi um homem empreendedor. Com o sucesso do Salão, resolveu investir em outros expoentes. Montou uma leiteria, onde comprava leite de colonos, desnatava e comercializava com queijarias de Jaraguá do Sul. Depois disso, Bernardo acertou mais uma vez ao investir em uma fábrica de sabão. “Eu estudava no Almirante Barroso durante o dia e à tarde trabalhava fazendo sabão”, recorda Virgílio. Mais tarde, juntou seu capital e investiu em ações na Cerâmica Marcílio Dias.

MUITAS PROFISSÕES

Virgílio, aos 67 anos, ainda trabalha. Começou cedo, ajudando o pai, depois passou por um armazém em General Osório; conseguiu o feito de se revezar nas funções de mecânico e padeiro em Guarapuava e voltou para Canoinhas para trabalhar na plantação de linho da empresa Leslie. Ao deixar a fábrica de linho, começou uma carreira de 10 anos no Departamento de Estradas e Rodagem (DER), trabalhando nas estradas da região. Um de seus maiores orgulhos foi de ter ajudado a abrir



Virgílio: “eu estudava no Almirante durante o dia e à tarde trabalhava fazendo sabão”

estradas para formar os municípios de Três Barras e Major Vieira, na década de 1960. “Quando chovia e estávamos no interior, precisávamos andar a pé, muitas vezes, até 30 quilômetros para chegar na cidade, ou então, passávamos dias em casas de moradores solidários”, conta.

Ao terminar esse ciclo, Virgílio foi trabalhar, por pouco tempo, com os Olsen. Decidiu investir em um negócio próprio e, com um primo, comprou um caminhão. A sociedade foi desfeita em pouco tempo. No mesmo dia do encerramento da sociedade, Virgílio recebeu um convite para trabalhar como motorista para os Dambroski. Por 22 anos, Virgílio trabalhou com essa família que considerou sua. “Até hoje mantemos contato”.

Hoje, ele trabalha de vez em quando para a Concessionária Mallon, transportando caminhões de São Paulo.

PISTON DE OURO

A banda Piston de Ouro, hoje coordenada por Virgílio, que faz questão de dizer que todos têm liberdade dentro da banda, não existindo, portanto, líder, começou na década de 1960 pelas mãos de Alexandre Thomas. Ele comprou alguns poucos instrumentos da família Artner, do Caraguatá, que há muito tempo tinha uma banda.

Hortz Bollman era responsável por ensinar aos músicos as melodias para compor o repertório da banda. Hortz, no entanto, não ficou muito tempo com a banda. Um ex-seminarista, Pedro Reitz, assumiu os ensaios. O falecimento dele, em um acidente, interrompeu o progresso da Piston de Ouro, que era patrocinada por Vigando Olsen. Nessa época, Virgílio já estava inserido na banda e conseguiu que o maestro Alfredo Croisfel viesse de Rio Negrinho para treinar os músicos.

O tempo, o maior aliado do esquecimento, acabou provocando a dispersão dos componentes da banda. “Muita gente passou por aqui”.

Mesmo que de forma amadora, no entanto, a banda sobrevive. Virgílio, Carlos Zaiden e Miro Inke são os mais antigos componentes. “Meus dois filhos também estão na banda”, conta orgulhoso. Os ensaios, hoje, acontecem em uma pequena peça nos fundos da casa de Virgílio. Os intervalos nos ensaios são longos porque todos trabalham. “Não dá para viver disso, é um hobby”, conclui Virgílio com a emoção de quem tem na banda um carinho de pai.

Publicada originalmente em
10 de fevereiro de 2006.

A professora e o comerciante

Famosos por se destacarem nas funções de comerciante da famosa Casa A Barateira e alfabetizadora do Almirante Barroso, o casal Oscar e Leni Pfau fala sobre história, família e lembranças



Leni e Oscar: a família Pfau foi uma das primeiras a se instalar em Canoinhas no início do século 20

Pfau, pavão em alemão, dá nome a uma dinastia que chegou ao Brasil no final do século 19. Augusto Pfau desembarcou em São Francisco do Sul, passou um tempo em São Bento do Sul e cruzou o Planalto Norte a pé, para chegar a Canoinhas. A viagem de três dias teve como único guia o trilho de trem.

A façanha o transformou num dos primeiros moradores de Canoinhas. Mathilde, mãe de Oscar, também veio de São Bento do Sul, casou-se com Augusto e, em 1917, nasceu Oscar.

Augusto morreu antes de Oscar completar um ano. “Ele não sabia dizer não”, lamenta. Para provar isso, Oscar conta que Augusto aceitou cavar um poço no Alto da Colina, onde depois seria construído o Colégio Santa Cruz, então dos irmãos maristas. Com uma boa profundidade, o espaço delimitado dentro do poço sufocou Augusto, que agonizou até a morte.

Mathilde teve de assumir a casa. “Lembro que minha mãe me levava em um balaio, onde eu ficava enquanto ela trabalhava na roça”, recorda. Além da lida na roça, Mathilde cozinhava para fora.

VIÉSES DA POLÍTICA

Foi uma questão política que trouxe os pais de Leni para Canoinhas. Valeriano e Germínia Costa chega-

ram por essas terras na década de 1920. Valeriano era funcionário dos Correios, em Florianópolis. Por não obedecer a orientação política ditada pela direção da empresa, Valeriano recebeu como ‘castigo’ um emprego em Canoinhas. Antes, uma escala em Lages, onde Leni nasceu.

COMÉRCIO E EDUCAÇÃO

Leni formou-se alfabetizadora, começou a ministrar aulas no famoso Almirante Barroso e passava todos os dias pela Casa A Barateira, gerenciada por Oscar, pois era seu caminho para o trabalho. A Casa A Barateira, onde se vendia de tudo um pouco, a exemplo de boa parte do comércio da época, era de propriedade do turco Felipe Mansur. Ficava no prédio ao lado da Sociedade Beneficente Operário (SBO).

A troca de olhares entre os dois suscitou um casamento de mais de 50 anos.

Em 15 anos, A Barateira passou das mãos de Mansur para as mãos de Petronila Dietrich, mãe da dra. Adair, para então, ser comprada pelo gerente Oscar. Um conquista da qual Oscar se orgulha até hoje. “Com a bodega consegui formar meus seis filhos”.

E olha que a concorrência não era fácil. Pernambucanas, Casa Mayer, Pedro Abrahão Seleme, apenas para citar algumas das grandes lojas de Canoinhas.

“Vendia-se de tudo, desde manteiga até roupa pronta”, recorda Oscar.

A arma comercial estava nos ‘boletins de ofertas’, distribuídos nas ruas. Essencialmente agrícola, a economia da cidade era baseada no troca-troca. “O pessoal do interior trocava insumos por roupas”, conta ele.

A ARTE DE EDUCAR

Leni fala com orgulho dos 25 anos em que lecionou no Almirante Barroso (antigo Ana Cidade). Por suas mãos, passaram empresários, doutores, juizes, e tantos outros que são profissionais atualmente. Ainda reconhece seus ex-alunos quando os encontra na rua. “O rosto pode mudar, mas os olhos nunca mudam”, explica o macete para identificá-los.

Entre as boas lembranças que os dois têm do passado, estão grandes personagens da história da cidade, como dr. Osvaldo de Oliveira, o primeiro médico a desembarcar em Canoinhas. “Ele era do tempo em que o médico visitava o paciente em casa”, recorda Leni.

A bondade de Osvaldo era tamanha que raramente cobrava de seus pacientes. “Tanto era bom que morreu pobre”, observa Oscar.

Entre os prefeitos, o casal destaca o trabalho de Alfredo de Oliveira Garcindo. “Foi ele quem fez a avenida Expedicionários, a ponte do rio Água Verde, era muito bom para os pobres e ainda foi acusado injustamente”, avalia Oscar.

HORA DA DIVERSÃO

A diversão da juventude de Oscar e Leni estava nas tardes dançantes do Cine Operário. “Arredávamos as cadeiras do cinema para dançar, depois, antes das 20h, tínhamos que colocar as cadeiras no lugar para a sessão de cinema”, conta Oscar.

Depois, com a instalação do ramal ferroviário, que ligava o centro ao distrito de Marcílio Dias, o movimento na cidade aumentou. “Antes disso, tudo era levado por meio de carroças até a Estação Ferroviária. Cansei de levar pão para a Estação (o padraço de Oscar era padeiro) a pé”, recorda, não com amargura ou pesar, mas com a alegria de quem levou uma vida de muito trabalho e de intenso aprendizado.

Há pouco tempo, Oscar sofreu um AVC e teve sequelas nas pernas. Pela sua disposição e bom humor, no entanto, vê-se que o AVC não cumpriu seu intento. Ao lado de Leni, forma-se um casal que pode olhar para trás e dizer que trilhou um caminho com algumas dificuldades, mas com inúmeras conquistas.

*Publicada originalmente em
24 de fevereiro de 2006.*

CDL CANOINHAS

35 ANOS CONTRIBUINDO PARA O CRESCIMENTO DO COMÉRCIO

A Câmara de Dirigentes Lojistas de Canoinhas nasceu em 17 de novembro de 1980, através da iniciativa de um grupo de empresários que se reuniram com o objetivo de criar uma organização que pudesse ampliar a atuação do comércio em geral. Inicialmente foi intitulado Clube dos Diretores Lojistas de Canoinhas, passando a se chamar mais tarde, precisamente em setembro de 1994, Câmara de Dirigentes Lojistas de Canoinhas.

Desde sua criação até hoje, a CDL já foi dirigida por 15 presi-

dentos e pelos demais membros responsáveis pelos departamentos integrantes de cada diretoria, todos indicados e escolhidos através de eleições realizadas entre todos os associados.

Em seus 35 anos de existência, a CDL acumula em sua história uma significativa quantidade de projetos, campanhas, prestação de serviços e também de participações sociais de muito sucesso e credibilidade – que é reconhecida por toda a sociedade e ainda pelos 422 associados que compõem seu quadro atual de associados.

35 anos



FUNERÁRIA SÃO JOSÉ

A Funerária São José, sempre pensando no conforto da família canoinhense, agora conta capela mortuária, uma moderna estrutura com 500m² na Rua Lourenço Wrubleski, 224, em frente ao último portão lateral do cemitério municipal de Canoinhas.



PLANO ECONÔMICO: o único que não precisa ser renovado

Rua: Cidade de Jaú - Alto das Palmeiras Fones: 3622-1541 e 8417-0259

Breve história sobre grandes vidas

Irmã Cármen Welter, 82 anos, fala sobre a chegada das irmãs franciscanas em Canoinhas, a fundação do Colégio Sagrado Coração de Jesus e os mais de 60 anos dedicados à vida religiosa



Irmã Cármen: “recebíamos educação européia, exigente, mas aprendíamos mesmo”

O título dessa matéria é emprestado de um dos muitos textos escritos pela irmã Cármen Welter, 82 anos, 60 dos quais dedicados à vida religiosa.

Ela hoje é responsável por registrar a história do Colégio Sagrado Coração de Jesus, que se confunde com a trajetória das irmãs franciscanas em Canoinhas. Nessa tarefa, não mede esforços. Tanto que já reuniu material que remonta a 1921, relatado pelas irmãs responsáveis pela Congregação na época. O rico material é para se debruçar horas a fio, tamanha a importância histórica que tem.

Passos curtos, voz firme, mas amável, rosto cândido e olhos vivos que lembram os de uma criança. Nascida em Carazinho, no Rio Grande do Sul, Cármen virou irmã em 1940. “Querida estudar, mas meus pais não tinham dinheiro. Naquela época, estudo era artigo de luxo”, lembra. A solução

para os anseios de Cármen veio com a notícia de que as irmãs franciscanas aceitavam meninas em suas escolas, sem cobrar nada por isso. Aliando a sede pelo estudo com a vontade de servir a Deus, Cármen embarcou para Canoinhas em meados de 1940 para estudar no Sagrado Coração de Jesus.

Nessa época, existiam apenas dois prédios de madeira que compunham o Colégio. Um deles era o Colégio, o outro servia de aposento às freiras. Eram 15 irmãs no total.

IRMÃS FRANCISCANAS

A Congregação das Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora nasceu na Europa. Baseada no exemplo de São Francisco de Assis – que renunciou à herança da família para viver com e pelos pobres – a Ordem sofreu perseguições que as trouxeram a América do Sul, extremamente carente de tudo um pouco. Madre Bernarda, a fundadora da Congregação, se estabeleceu na Colômbia e de lá distribuiu freiras por

todo o continente.

Em 1921, as irmãs Maria Felicitas, Amanda e Maristela Benack chegaram a Canoinhas, ainda chamada de Santa Cruz de Canoinhas. Como o pequeno Colégio não estava pronto, para não perder o início do ano letivo, as irmãs estabeleceram o Colégio no prédio que sediou também a prefeitura, Cadeia Pública e até um salão de bailes. O prédio, localizado onde hoje está a Loja Avante, era cheio de limitações. “As frestas da casa eram tão grandes que podíamos ver galinhas ciscando no andar de baixo”, diz um trecho do relatório de uma das irmãs precursoras.

Em pouco tempo, no entanto, o prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus ficou pronto e as irmãs começaram seu trabalho.

ETAPAS

A formação do Colégio Sagrado Coração de Jesus se deu aos poucos. Até 1928, funcionava somente o colégio das meninas. Com a chegada dos meninos, foi necessário ampliar o prédio. Em 1939, foi construída uma nova ala, ampliada dez anos depois. Em 1955, um terceiro pavilhão foi construído e em 1958/59 foram edificadas a capela e o auditório.

O prédio foi finalmente concluído 40 anos depois de sua fundação, em 1965. A demora se justifica pelo árduo trabalho das irmãs, que construíram tudo com recursos próprios.

Para entender o porquê da obsessão das irmãs pela edificação do Colégio, é necessário entender o princípio básico das irmãs. Para evangelizar, as freiras entendiam que, especialmente na carente América do Sul, era necessário educar.

IMPRESSÕES DE CANOINHAS

Irmã Cármen lembra que a Canoinhas da década de 1940, quando chegou por aqui, era bem diferente. As ruas de chão batido viravam um

lamaçal quando chovia. “Até mesmo para irmos à Paróquia, não havia calçamento”, recorda.

A rotina da então jovem estudante começava cedo. Antes das 7 horas, as meninas arrumavam seus dormitórios, tomavam café, deixavam a louça lavada e estudavam pela manhã. Quinze irmãs comandavam o Colégio.

Irmã Cármen começou a ministrar aulas em 1947. Apenas em 1963 entrou o primeiro professor ‘leigo’ (sem formação religiosa) no Sagrado Coração de Jesus. De lá pra cá, lentamente, as irmãs foram deixando a administração do Colégio para o Estado, que o assumiu definitivamente em 1988.

Entre as muitas irmãs que passaram pelo Sagrado, pergunto o porquê da deferência em relação à irmã Maria Felicitas. Irmã Cármen abre um largo sorriso e explica: “ela era *sui generis*. Toda especial. Firme de verdade, mas amava os alunos de tal forma que era capaz de dar a vida por eles. Querendo ou não, quem passava pelas mãos dela, aprendia”, conta.

No obituário escrito pelas irmãs, diz-se que irmã Felicitas corrigiu provas de seus alunos um dia antes de morrer. Morreu em meio aos cadernos dos alunos que tanto amou.

REGISTRO

A missão de irmã Cármen é acrescentada pelo registro histórico que faz todo fim de mês. Esta história, registrado desde as irmãs precursoras da Ordem em Canoinhas, deve ser passada para um livro.

Ao fim da entrevista, irmã Cármen pede que eu escreva em uma pequena tira de papel meu nome e o porquê da entrevista. Ela quer registrar a entrevista em um livro. Orgulhoso, escrevo com a sensação de estar entrando para a história.

Publicada originalmente em 17 de março de 2006.

A vida depois dos 60

Se para alguns, a vida depois dos 60 anos é simbolizada por um par de pantufas e duas agulhas de tricô, para Maria Tereza Zazecki, 64 anos, não é nada disso. Com muita disposição, ela participa de grupos de reflexão, bordado e está no segundo ano do programa Universidade Aberta

Maria Tereza Zazecki, ou Terezinha, como é chamada pelas amigas, tem um tipo tímido que chega a ser enternecedor. “Não vejo o que posso dizer”, brinca. Logo percebe que Terezinha tem pelo menos uma grande lição a ensinar. Como nunca trabalhou fora de casa, há quatro anos e meio sofreu um duro golpe ao perder o marido, Evaldo Zazecki, famoso mecânico canoinhense. Um câncer galopante levou Evaldo num intervalo de sete meses. O mais duro para Terezinha foi ouvir do médico que o tempo do marido era extremamente restrito.

Depois da morte de Evaldo, ao invés do desespero, nasceu a esperança. Terezinha foi morar com um das filhas, Cleusa. “Não sei ficar longe de gente, preciso conversar, ver gente sempre”, explica. Essa ‘gente’, no caso, são a filha, o genro e dois netos que adora e com os quais não dispensa uma boa brincadeira. A esperança de recomeçar veio com as amigas que lhe deram força para frequentar grupos de bordado e reflexão e, no ano passado, em uma atitude que até então parecia inconcebível para ela própria, ingressar no programa Universidade Aberta, da Universidade do Contestado (UnC). “Achava que jamais levaria adiante, que precisava ter segundo grau (Ensino Médio) e hoje vejo que não precisa de nada disso e que, ao contrário do que imaginava, é muito bom”. O incentivo não veio somente das amigas, mas também da filha. “Agora eu só paro no fim”, afirma demonstrando a empolgação com o curso.

Terezinha faz parte da segunda turma de maiores de 50 anos que participam do programa. Somente em sua turma, são 38 pessoas que

têm, duas vezes por semana, aulas de inclusão digital, dinâmicas, palestras sobre temas variados e outras atividades. “Nunca imaginava sentar diante de um computador, mas agora percebo que nunca é tarde”, avalia.

VIAGEM NO TEMPO

Terezinha nasceu em 1941. Bem antes, em 1910, sua mãe, Etelvina Carneiro, nasceu em Santa Cruz de Canoinhas, então distrito de Curitiba. Um ano depois, o distrito seria promovido a município, mantendo o mesmo nome. Justamente no pré-guerra do Contestado. “Minha mãe contava muitas histórias da Guerra”, lembra Terezinha.

A exemplo de muitos moradores da região contestada, a família de Etelvina perdeu quase tudo com a Guerra. Fugiram, passavam noites escondidos em ocos de árvores de imbuia, passaram sede e fome. “A ordem era proteger meu avô, porque os jagunços (guerrilheiros) queriam as cabeças dos homens”, conta.

Quando a Guerra terminou, o retorno a suas propriedades foi desolador. “Tudo estava destruído”. Logo em seguida, o avô de Terezinha faleceu e sua avó, sem meios de sustentar os filhos, acabou cedendo-os à adoção. Dessa forma, Etelvina acabou sendo criada pela família Muehlbauer.

Etelvina se casou com Afonso Wiese, que veio ainda menino de São Bento do Sul para Canoinhas. Instruído, Afonso trabalhou como freteiro com uma carroça própria e em pouco tempo começou a trabalhar como oficial de Justiça. Seu pai trabalhava em um escritório de produtores de erva-mate associados.

Quando Terezinha tinha 14 anos, sua mãe faleceu vítima de câncer. Uma falta que ela sente até hoje. “Conversávamos muito, ela era uma



Terezinha: “uma família fantástica é a melhor herança que meu marido me deixou”

pessoa extraordinária”, lamenta.

Sobre a aversão que Etelvina tinha pelos guerrilheiros do Contestado, Terezinha se limita a dizer: “para quem sentiu na pele os horrores da Guerra, é inevitável esse sentimento.”

ANOS DOURADOS

Terezinha lembra com saudosismo a época em que cursou o primário no Colégio Almirante Barroso. “Quando destruíram, senti um aperto no coração”. E cita como símbolos de seu saudosismo as eternas professoras Yolanda Trevisani e Leonor Seleme.

Conheceu o futuro marido no casamento de seu irmão com uma prima de Evaldo, conhecido como ‘Chico soldador’. Evaldo trabalhou também na Plásticos Santa Cruz,

uma fábrica de persianas de propriedade de Wilmar Friedrich, que depois migraria para Joinville.

A diversão do jovem casal era o Cine Vera Cruz. “Nos domingos não perdíamos a sessão”, revela. À noite, era comum os jovens da época (meados dos anos 1950) frequentarem o Salão do Chico Bechel, no bairro Água Verde. “Só se chovesse dificultava por causa do barro, senão, marcávamos ponto”, recorda entre risos.

Terezinha teve três filhas com Evaldo: Cleusa, Claudete e Cleide. “Uma família fantástica é a melhor herança que meu marido me deixou”, conclui com um saudosismo doído e emocionante.

Publicada originalmente em
31 de março de 2006.

A arte de viver bem



Antonio e Odete Oleskovicz descobriram os benefícios de uma alimentação saudável há vinte anos

Odete e Antonio Oleskovicz encontram nos alimentos naturais o segredo para uma vida saudável, em harmonia com a natureza. O casal fala sobre os benefícios de uma alimentação saudável e relembram a trajetória de suas famílias em Canoinhas

Qual o segredo para se viver bem? Capciosa, essa pergunta suscita as mais diferentes respostas.

Para Antonio, 65 anos, e Odete Oleskovicz, 63 anos, por exemplo, viver bem é estar em contato constante com a natureza. Não somente tendo um jardim de encher os olhos, mas cuidando, principalmente, com o que vem de fora pra dentro, ou seja, os alimentos.

Há 20 anos, o casal não ingere carne. Faz falta? Absolutamente não, garantem. “Se você visse como é preparada a carne, você não comeria também”, propagandeia Antonio.

Mas até chegar a tal grau de equilíbrio e maturidade, Antonio e Odete passaram por uma longa história.

PIONEIROS POLACOS

Os pais de Antonio, Ignácio e Vitória Oleskovicz, chegaram por essas terras vindos de Araucária e São Bento do Sul, respectivamente, no início do século 20. Fixaram-se na localidade de Lageado, nas proximidades de Felipe Schmidt. “Meu pai veio com uma carroça, trazendo sua mudança, abrindo picada no meio da mata”, conta Antonio, dando uma ideia da rusticidade do lugar.

As dificuldades para se manter na região eram colossais. Para garantir o sustento da família, Ignácio saía trabalhar de madrugada e voltava à noite da

roça. Tanto trabalho não lhe garantiu muito tempo: morreu quando Antonio era adolescente.

A grande tacada de Ignácio foi comprar um terreno de 300 alqueires desapropriado pelo Governo da famigerada madeireira Lumber.

A herança que deixou à família, uma casa construída nesse terreno, existe até hoje.

Da infância no interior, Antonio tem boas lembranças. “Lembro que a primeira luminária que conheci foi o lampião com pavio, a querosene. Depois veio a lâmpada Aladim (com camisinha), o que era considerado um luxo para a época”, recorda.

Depois da morte do pai, Antonio, com 13 anos, veio para a cidade estudar no Ginásio Santa Cruz, administrado pelos irmãos maristas. Morava na pensão de Ana Richter. “Os maristas cobravam bastante, mas o ensino era de alta qualidade. Aprendíamos inglês, francês, latim e português”, conta.

Aos 17 anos, Antonio conseguiu seu primeiro emprego, uma espécie de faz-tudo no Banco Inco. Iniciava assim uma longa carreira em bancos, que só terminaria com o advento da aposentadoria. Por 26 anos, Antonio foi funcionário do Banco do Brasil.

“Há 18 anos, vivo de aproveitar o que a vida tem de bom”, brinca ao comentar o tempo de aposentadoria.

ENCONTRO

Na década de 1960, por meio de uma amiga, Antonio conheceu Odete Koch, com quem viria a se casar

anos depois. O encontro se deu nas inesquecíveis matinês do Cine Vera Cruz e no Cineminha São Francisco, seguidas das esticadinhas nas dominieiras do Chico Bechel, um dos salões de bailes mais famosos da época, situado na entrada do bairro Água Verde, sentido centro de Canoinhas.

A família de Odete, os Koch, também estão aqui desde o início da colonização. O pai, Adolpho, falecido há 59 anos, tinha uma serraria em Bela Vista do Toldo, em sociedade com um dos irmãos. Anos mais tarde, montou uma serraria própria no Alto do Mussi, no bairro hoje tresbarrense de São Cristóvão. Com 87 anos, Olívia, mãe de Odete, está viva.

Odete nasceu no interior de Bela Vista do Toldo, na localidade de São Sebastião dos Ferreiras. Veio bebê para a cidade. Estudou no Colégio Sagrado Coração de Jesus, onde conheceu a disciplina rígida das irmãs franciscanas.

Antonio lembra que, para se estudar nos colégios, tanto das freiras como dos padres, era preciso passar por um teste de seleção. “Não era qualquer um que entrava lá”, explica.

EVOLUÇÃO E RETROCESSO

Perguntado sobre o interior de ontem e o de hoje, Antonio lamenta o que o ‘progresso’ fez com o interior de Canoinhas. “Me dá uma tristeza ver a destruição do interior. A tecnologia trouxe muitos benefícios, mas muitos problemas: poluição ambiental, da água, a criação de venenos e agrotóxicos”, se queixa.

O bucolismo que ainda existe hoje no interior remete Antonio à vida calma e natural que existia não há muitos anos. “Recordo que, quando um vizinho precisava fazer a colheita, todos se reuniam para ajudá-lo, eram os famosos pichiruns. A colheita terminava com um fandango, dançava-se até o amanhecer”, conta.

O pouco que restou da vida campesina está no jardim, no quintal e em um sítio que o casal preserva. Na mesa, apenas alimentos naturais, livres de venenos.

A sabedoria que o casal alcançou ao estudar por meio de muita leitura, e incontáveis cursos, os segredos da alimentação saudável, hoje é passada para outras pessoas. Antonio é professor da Universidade Aberta e ministra aulas de Medicina Natural.

Além de ministrar aulas, Antonio, ajudado por Odete, presta orientações sobre alimentação ao público em geral, em sua casa.

Percebe-se, realmente, que o casal tem muito a ensinar. O resultado desse modo saudável de viver está expresso nos rostos dos dois. Uma jovialidade que não denuncia a idade e mostra o quanto uma alimentação saudável pode fazer bem ao corpo.

Publicada originalmente em
13 de abril de 2006.



**Produtos Naturais
Artigos para Confeitaria
Peixaria - Embalagens**



Rua Coronel Albuquerque, 746
(47) 3622-0772 / 8814-9426
E-mail: emporioparaiso@hotmail.com

**A MEMÓRIA
É NOSSO LEGADO
PARA LUTAR
SEMPRE POR UM
NOVO FUTURO.**



DEPUTADO FEDERAL
Mauro Mariani

O Correio do Norte também é diário.

Fique atualizado com o que acontece
todos os dias na região pelo nosso site.



O site é troféu "Pena de Bronze"
na categoria Novas Mídias, no
16º Prêmio Adjori de Jornalismo.

Acesse nosso site



www.jornalcorreiodonorte.com.br



68 anos

Prazer em ajudar

Edith Nader Davet, 80 anos, a julgar pela vida dinâmica que leva, dedicada aos filhos e a causas sociais, não aparenta a idade que tem; a disposição pode ser herança de uma família acostumada ao trabalho, que chegou por essas terras em fins do século 19



Edith: “quando ajudo alguém, me faz mais bem do que para a pessoa ajudada”

Há algo de especial na família de Edith Nader Davet, 80 anos. Aliás, há mais do que um ambiente alegre e acolhedor, capaz de deixar à vontade a mais tímida das visitas. Como chegar aos 80 anos com tamanha disposição?

Edith só tem uma resposta: “quando ajudo alguém, acredito que isso me faz mais bem do que para a própria pessoa ajudada”. Hoje, Edith é voluntária de pelo menos quatro entidades.

Esse espírito inquieto é herança herdada por todos os filhos de Edith. E já que falamos em herança, percebe-se que a saga dos Nader – sobrenome de solteira de Edith – e dos Davet – sobrenome de seu marido – é regada a muito

suor e sacrifícios.

NOS PRIMÓDIOS DO SALSEIRO

Saliba e Sophia Nader, pais de Edith, chegaram à localidade do Salseiro no início do século 20. O casal vinha do Líbano, fugindo dos horrores da 1ª Guerra Mundial que começava a ruir o Império Otomano, a exemplo de outros libaneses que se estabeleceram em Canoinhas.

Eles traziam apenas um casal de filhos. Cruzaram o sudeste do País, passando por Santos, Curitiba, até chegar a Canoinhas.

Os Nader se estabeleceram em Salseiro e tiveram de roçar, plantar e manter uma relação cordial com os nativos – chamados pejorativamente de bugres – que, segundo a lenda popular, costumavam sequestrar

crianças. Lenda que Edith contesta: “nunca ameaçaram minha família, mas rondavam e faziam barulho à noite em volta de nossa casa”, recorda.

Edith nasceu em 1925. Sua infância foi dividida entre a escola, para onde Edith percorria dois quilômetros a pé para chegar – que funcionava de manhã à tarde – e a ajuda aos pais na roça da família. Saliba, além das plantações, que em boa parte eram usadas para o consumo próprio, já que faltavam comerciantes na região, mantinha uma casa de secos e molhados, pequeno comércio onde se vendia de tudo um pouco. “Nós criávamos também gado, porco e galinha”, lembra. Do porco se retirava banha, linguiça e toucinho, produtos que faziam sucesso na venda dos Nader. Tudo era vendido a peso.

Essas mercadorias eram a moeda de troca que Saliba usava para comerciar com viajantes que passavam pela venda. “Eles levavam toucinho, mel, feijão e deixavam perfumes de extrato de rosas”, recorda Edith.

A vinda para a cidade era em cima de charretes e carroças. Para chegar à cidade, os Nader trocavam cerca de 13 quilômetros. Passavam pelo menos uma manhã inteira na estrada. Nessa época, não existia a estrada que hoje é pavimentada. O único caminho passava pela Forquilha, uma subida íngreme, cheia de armadilhas e pedras.

OS DAVET

Osmário Davet vivia com a mãe em Major Vieira, ainda distrito de Canoinhas. O pai falecido deixou com Osmário as responsabilidades da família. Ao servir o Exército, Osmário foi um dos soldados que souou para construir os túneis da estrada de ferro da Serra do Espigão durante a 2ª Guerra Mundial.

Ao voltar da intensa atividade, Osmário começou a namorar Edith. Eles se conheceram em um baile. Baile que se multiplicou por muitos outros, até o namoro firmar.

DEPOIS DO CASAMENTO

Depois de casarem-se, em 1946, Edith e Osmário viveram um certo tempo em Santa Leocádia. Osmário e dois de seus irmãos abriram uma serraria em sociedade.

Tempo depois, a família foi morar em Major Vieira, onde Osmário abriu um bar ao estilo secos e molhados. Em Major Vieira, nasceram os dois primeiros filhos do casal – Luiz e Antonio.

Os irmãos-sócios expandiram os negócios da serraria tempos depois, comprando a serraria de propriedade de Antonio Pereira. A expansão continuou logo em seguida quando os irmãos abriram um depósito de madeira em Curitiba, fato que levou a família a morar na capital paranaense, onde nasceu Marilda, a terceira filha do casal.

Na volta para casa, a família se fixou em Tamanduá, localidade de Major Vieira, onde nasceu Rosi.

Foi aí que Osmário percebeu que, com quatro filhos precisando de escola, era hora de deixar o interior e vir para a cidade. Foi assim que aceitou o convite para trabalhar como escrivão da Polícia.

A longa carreira militar durou 30 anos. Nesse período, Osmário chegou a ser delegado distrital por Marcílio Dias. Sua dedicação à corporação lhe rendeu como homenagem seu nome levado à frente do Terminal Rodoviário de Canoinhas.

“À época, meu marido trabalhava apenas com três pessoas – o delegado, um cabo e um carcereiro – e apenas com uma fubica que os levava para o interior onde acontecia a maioria das ocorrências, quase sempre brigas de vizinhos”, recorda.

Osmário faleceu há 15 anos. As boas lembranças do marido, para Edith, estão no número 13 – 13 filhos, 13 netas e 13 netos. “E o pior é que no jogo (Edith adora bingo) o 13 não me traz sorte”, lamenta com uma boa gargalhada.

Publicada originalmente em
12 de maio de 2006.

"Os anos matam e dizimam, mas a lembrança fica"

Um dos mais importantes vigários de Canoinhas, Frei Elzeário Schmitt, do alto de seus 95 anos, comenta as boas lembranças que têm da cidade que o acolheu há mais de 40 anos

Foi com certo ceticismo que a redação do Correio do Norte entrou em contato com a Paróquia de Gaspar, no Alto Vale do Itajaí, onde vive o frei Elzeário Schmitt, um dos mais importantes párocos de Canoinhas, que em meados da metade do século passado revolucionou as atividades culturais do município. Aos 95 anos, frei Elzeário não fala mais ao telefone, mas escreve como nunca. Por isso, veio a sugestão de enviarmos por correio, as perguntas que nos interessavam. A resposta viria igualmente por escrito. Passado um mês, as respostas vieram em uma missiva que demonstra o talento ímpar do frei para a escrita. Suas frases soam a poesia, de tão intensas e marcantes. Denominando-se "escrevinhador incorrigível", o frei se mostra contente com o convite para a entrevista e discorre um rosário de lembranças que parecem emocioná-lo.

Na entrevista, frei Elzeário lembra os momentos e fatos marcantes que viveu e criou na cidade pela qual parece guardar sentimentos dos mais nobres.

A PARÓQUIA

Frei Elzeário chegou por essas terras em 1953, com uma missão: assumir a Paróquia de Canoinhas. "Quando aí entrei, a paróquia era dos franciscanos, desde a fundação da paróquia, na virada do século", recorda. Foi com frei Elzeário que foi criada na Matriz a Missa das Crianças, um pretexto que o frei criou para estar mais próximo da garotada, por quem sempre demonstrou carinho. Foi para as crianças, também, que pouco depois criaria a famosa Biblioteca Infantil de Canoinhas (BIC). O fato de ter trabalhado como professor ginásial aproximava o frei cada vez mais da linguagem das crianças. Ele as entendia e elas, por sua vez, o adoravam.

Ainda em 1953, surgiu o programa Paz e Bem, no qual, pontualmente às

18 horas, até hoje cultuada como a hora da Ave-Maria, o frei apresentava uma pequena palestra sobre assuntos espirituais.

BIBLIOTECA DA SAUDADE

"Este glorioso exército de boinas brancas, bandeiras e fitas, que fazia encanto na Igreja e nas procissões, foi ponto de partida e impulso para que meu apaixonado amor por livros, desde minha infância em Canoinhas, se abrisse em ousada janela de interesse cultural, sobre as crianças, não apenas sobre as da Cruzada, mas sobre todas. Uma biblioteca. No centro da cidade". Dessa forma tocante, frei Elzeário se refere ao prédio que tanto amou (depois demolido para a construção da Band Calçados), que abrigou durante anos a BIC. A Cruzada Eucarística, a que o frei se refere, era uma espécie de competição que estimulava as crianças ao convívio religioso.

"A BIC, seu desdobramento, sua admirável aceitação, seu sucesso, seu prestígio até fora de Canoinhas e, principalmente, o amor das crianças por ela, somente um livro inteiro é que poderia receber justa evocação", sentencia o frei.

O sucesso da BIC foi tamanho que, pouco tempo depois, frei Elzeário foi obrigado a abrir uma sala somente para adultos, o que, nas tardes de sábado, transformava a BIC num formigueiro. Durante anos, a BIC foi ponto de referência para crianças, jovens e adultos. Era uma das poucas alternativas de distração em uma cidade interiorana sem parque, cinema, nem TV.

Falando em cinema, pelo menos para as crianças, frei Elzeário criou uma ótima alternativa: o Cineminha São Francisco. Duas máquinas para filmes 16 milímetros transportavam das telas para os olhos da garotada um misto de sonhos e fantasia.

"Os poderes públicos nunca se



Frei Elzeário sobre a BIC: "somente um livro poderia receber justa evocação"

interessaram pela BIC, mas pagavam um 'bibliotecário' sem biblioteca. O Inco (hoje Besc) doava pequena quantia mensal. O Ministério da Educação, graças aos benefícios de um deputado federal canoinhense, destinava verba bem insuficiente", recorda. "Amava a BIC porque amava entranhadamente as crianças e daí meu pesar por não ter conseguido dar-lhes tudo o que eu desejava".

HINO DE CANOINHAS

Nos 50 anos de Canoinhas, a Prefeitura realizou um concurso para eleger o hino oficial da cidade. Empolgado, frei Elzeário, usando um pseudônimo, começou a esboçar uma letra. Enquanto isso, dona Mimi, como era conhecida a compositora Helmy Wendt Mayer, compunha a melodia. A parceria acabou vitoriosa.

Na ocasião dos 90 anos do município, a Prefeitura tentou trazer frei Elzeário para Canoinhas, a fim de homenageá-lo pela composição. Frei Elzeário não conta os motivos pelos quais decidiu não voltar a Canoinhas,

mas logo se desconfia. No certificado de Cidadão Honorário de Canoinhas que o frei recebeu das mãos do prefeito João Colodel, em 1961, a menção se faz ao hino, mas não ao maior e mais audacioso projeto do frei – a BIC. "Estranhamente, meu diploma não fazia menção à BIC, mérito muito maior do que o nascido de uns simples versos".

Em um trecho da carta enviada a nossa redação, frei Elzeário demonstra uma nostalgia pueril: "o poeta diz que 'os anos matam e dizimam tanto', mas a lembrança fica, e devem hoje, alguns avós, velhos fãs da BIC, perguntar-se: por onde andar o frei Elzeário? Vivo, muito velho está. Uma velhice que ainda Deus lhe concede para pagar seus pecados".

Peço permissão para discordar. A vivacidade que Deus concede a esse frei prostrado pelos anos parece ser muito mais uma concessão para que continue a disseminar cultura pelos povos do que uma punição.

Publicada originalmente em 9 de junho de 2006.

Bodas de cumplicidade

Auri Geraldo Pedrassani, 74 anos, e Maria Carmela Fuck Pedrassani, 68 anos, abrem o baú de recordações e relembram a época de ouro da boemia canoinhense e falam sobre a cumplicidade que dura 50 anos



Auri e Carmela Pedrassani: a vida boêmia dele hoje é uma gostosa lembrança compartilhada com Carmela

Maria Carmela Fuck Pedrassani, 68 anos, lembra como se fosse hoje o dia em que rezou para Deus e pediu um sinal para saber se estava certa em investir no namoro com Auri Geraldo Pedrassani, hoje com 74 anos, na época um jovem boêmio que não perdia uma festa e que durante aquele carnaval havia simplesmente desaparecido das vistas de Carmela.

Deus foi pontual. Ao sair da Igreja, Carmela encontrou um folheto de ofertas da Comercial Pedrassani, loja da qual Auri era sócio ao lado do irmão, João. Logo adiante, em frente à Padaria Guarani, estabelecimento tradicional da rua Paula Pereira, eis que Carmela dá de cara com Auri, o 'desaparecido'.

Prontamente, ele veio a seu encontro e dali brotou um amor que completou, em abril passado, 50 anos.

GAÚCHO DE NASCIMENTO, CATARINENSE DE CORAÇÃO Auri nasceu em Arvorezinha, na época, distrito de Encantado, no Rio Grande do Sul, hoje município. Os pais italianos cultivavam plantações e criavam gado e cavalos.

Aos 10 anos, Auri veio com a família para Caçador-SC, onde anos depois se formaria técnico em contabilidade. Em 1954, estimulado pelo irmão, João, Auri se aventurou em Canoinhas. João e Auri haviam comprado a agência de revenda de veículos Ford, que era de propriedade de Emiliano Seleme. "O Emiliano estava lidando com erva-mate e havia se desinteressado da agência, por isso decidi vender", recorda Auri. Emiliano, um negociador nato, sabia o que estava fazendo. Ao concentrar toda sua atenção no comércio de erva-mate, deu a tacada certa. Na década de 1950, a erva-mate era vendida a peso de ouro e comprada a preço de banana por conta da alta produção. Um negócio de lucro certo e de longo prazo.

João e Auri, por sua vez, também tiveram êxito em sua empreitada, tanto que há apenas 10 anos ele se desligou da empresa.

Hoje, está fora da sociedade e a revenda nem é mais de veículos Ford, mas de tratores.

A TRAJETÓRIA DOS FUCK

Carmela nasceu em 1937, em Canoinhas. Jacob Bernardo Fuck, seu avô, havia desembarcado por essas terras em 1919, vindo de Jaraguá do Sul, fugindo de um surto de malária que dizimou dezenas de pessoas. Aqui, Jacob se instalou como um dos primeiros ferreiros da cidade. Ele também foi um dos fundadores da Sociedade Beneficente Operária (SBO), em 1922, e trabalhou como balconista na casa comercial de Emílio Ritzman.

O filho, Jacob Jr, saiu de casa para trabalhar na fábrica dos Buschle, em São Bento do Sul, e estudar para guarda-livros (correspondente a contador). É na família Buschle que Jacob Jr conhece sua futura esposa, Mathilde.

O casal veio morar em Canoinhas na década de 1930.

LEMBRANÇAS DA INFÂNCIA

Ao perguntar qual a lembrança mais remota da infância de Carmela, se ouve uma deliciosa risada, seguida de uma resposta das mais nostálgicas. "Lembro eu e meus irmãos indo para a escola nas manhãs geladas do inverno, andando bem devagarinho, sentindo o gelo quebrando sob os pés". As geadas do passado eram muito mais severas que as de hoje, garante Carmela.

A casa onde Carmela passou boa parte de sua infância ficava ao lado das Lojas Unidas (primeiro negócio da família que ficava onde hoje está localizada a Agropecuária Paulo Wagner).

VIDA DE BOÊMIO

Não é novidade para ninguém a vida boêmia que Auri levou. Hoje, do alto de sua bengala, indispensável para sua locomoção, Auri lembra com saudosismo de uma época que não volta mais.

As mais gostosas recordações estão na curva entre a avenida dos Expedicionários e a rua Guilherme Prust, onde ficava o salão de Chico Bechel. Era para lá que ia a juventude elitista canoinhense depois da meia-noite do primeiro dia do ano novo. Antes, uma 'social' no Clube Canoinhense. Mas a festa, pra valer, só no Salão do velho Chico.

Companheiro inseparável de Flavio Ench – o Jundiá –, Auri e o bom amigo atravessavam o interior de Canoinhas tocando seus indispensáveis acordeons.

Ah, e se você está estranhando o nome Auri, vai a dica – Auri sempre foi conhecido como Fordinho em Canoinhas, uma referência óbvia à sua vida profissional.

Sobre o apelido, Carmela conta uma história impagável. "Certa vez, ele foi a uma festa e deu uma briga. Para não se envolver, o Auri se escondeu debaixo de uma Kombi. A história chegou para mim da seguinte maneira: 'O Fordinho se escondeu debaixo de uma Kombi'", conta entre os risos de quem tem muita coisa boa para recordar.

Publicada originalmente em
23 de junho de 2006.

Sonho de Consumo
BRUDA



**COMPRE NO BRUDA E CONCORRA A:
100 MIL REAIS EM BARRAS
DE OURO!**

A CADA 50,00 REAIS EM COMPRAS GANHE UM CUPOM E CONCORRA A:



**1 KIT
PERSONALIZADO BRUDA!** **PASSE PARA RETA FINAL!** **AGUARDE O SORTEIO!**


36 FINALISTAS 1 GANHADOR **PARTICIPE! PODE SER VOCÊ!**
CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO CAIXA N° 6-1253/2015 REGULAMENTO NO SITE: WWW.BRUDA.COM.BR

PAPANDUVA AV. PAPA JOÃO XXIII, 1751 CENTRO	CANOINHAS 1 AV. EXPEDICIONÁRIOS, 800 CAMPO D'ÁGUA VERDE	CANOINHAS 2 FR. DE PAULA PEREIRA, 891 CENTRO
---	--	---

47 3653-1040 47 3621-5151 47 3621-9400

PROMOÇÃO VÁLIDA DE 01-08-2015 A 28-07-2016 WWW.BRUDA.COM.BR

O povo que conhece
e honra sua história
caminha para seu
futuro de progresso!



SILVIO DREVECK
DEPUTADO ESTADUAL (PP)



**A MWV Rigesa agora é
WestRock**

Duas empresas se uniram para **Vencer Juntas**.

Rocktenn e MWV agora formam uma nova líder global em papel e embalagens, com 42.000 funcionários ao redor do mundo em mais de 275 operações, na América do Norte, América do Sul, Europa e Ásia.

No Brasil, a WestRock conta com mais de 2.500 funcionários, uma fábrica de papel, quatro fábricas de embalagens e cerca de 54 mil hectares de terras.



O farmacêutico octogenário

Antônio Ribeiro Batista, em seus 80 anos, relembra histórias do passado, a dura vida no interior e o amor incondicional pelos filhos



Comemoração: Antônio Ribeiro Batista diante de seu bolo de aniversário

Meu pai Antonio, nosso pai Antonio, Fio, Fiiiinho, Seu Batista, o farmacêutico, o curador...Tantos nomes pra falar de uma pessoa especial: senhor Antônio Ribeiro Batista”. Essa foi a frase pronunciada com muita emoção pela religiosa Zélia Maria, Irmã da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, durante a missa em ação de graças, oficiada no domingo, 25, pelo Pe. Alípio Máximo, na Igreja Matriz Senhor Bom Jesus, em Irineópolis, em homenagem ao seu pai, um dos moradores mais antigos do município, e que, naquela data comemorava 80 anos de idade, completados no dia 20 de junho.

Filho de Domingos Ribeiro Batista e Mercedes de Paula Cordeiro,

Antonio é o terceiro filho numa família de cinco homens e cinco mulheres.

A FAMÍLIA BATISTA

Como as demais famílias da região, sobrevivia da agricultura, num trabalho penoso e sem muitas perspectivas de progresso. Foi assim que começou a nascer no coração inquieto de Antonio o sonho de “estudar”, afinal, a palavra da parreira mãe-Lúcia encontrou eco e ele afirmava para si mesmo: “um dia serei doutor!”

A boa semente da palavra caiu no terreno fértil de um coração sonhador, capaz de alçar vôo e não se contentar com pequenas coisas.

Aos 32 anos, Antonio deixou enamorar-se pelos encantos da bela

e atraente jovem Leonor Martins, filha de Thereza Reichardt e Júlio Martins. Entre tantas qualidades que possuía, Leonor era exímia tocadora de acordeon, seus delicados dedos e seus ouvidos afinados faziam a música acontecer, animando os bailes da região. Antonio ficou fascinado. Já estudado e muito elegante, resolveu pedir a mão da moça em casamento. Casaram-se no dia 28 de outubro de 1958, em Canoinhas, passando a residir na localidade de Rio dos Pardos.

Lá, Antonio iniciou sua trajetória profissional como farmacêutico. Construiu uma pequena casa de madeira com algumas prateleiras e começou a curar o povo.

CICLONE

Após um ano da feliz união, chegou a primeira filha: Isolde Terezinha, nascida no dia 19 de outubro de 1959, no Hospital Santa Cruz de Canoinhas. Parto difícil, pois durante a gravidez o casal foi vítima de um terrível ciclone que passou na região no dia 13 de agosto, deixando rastro de muita dor, morte e destruição.

Muitos sobreviveram. Entre eles, o casal. A vida prevaleceu. A família começou a crescer, a fama do farmacêutico também, as prateleiras já não eram mais suficientes. Surgiu a necessidade de construir uma nova casa. O saudoso André Pazdziora, ótimo carpinteiro, se encarregou da construção.

Em 1960, conta seu Batista, “mudamos para a nova casa no alto da ladeira, à beira da estrada, chamava atenção...” A casa do farmacêutico. Ali nasceram a segunda filha, Zélia Maria, e os meninos Luis César e Adelmo Osmar.

Antonio deu asas ao sonho de dar estudo aos filhos, afinal, projetou nos filhos tudo aquilo que não teve oportunidade de conseguir.

Valões, Irineópolis, era o destino. “Para lá, mudamos em fevereiro

de 1968. Começou uma nova etapa de nossas vidas”. Amor ao trabalho, acolhida e dedicação no atendimento ao povo definiram uma trajetória de sucesso.

FILHOS ADOTIVOS

A família de Antonio e Leonor tornou-se terreno fértil. As sementes germinaram, floresceram exalando o perfume da gratidão que brota do corações agradecidos, principalmente, dos filhos adotivos: Maria, Zilda, Valdir, Luiz Carlos, José Carlos, Tarcio e Eliseu.

A vida nova em Irineópolis foi marcada por muito trabalho, dedicação e zelo no atendimento ao povo. Sempre com o objetivo de oferecer aos filhos as condições necessárias para que pudessem estudar. Também foi marcado pelas perdas inevitáveis de Isolde e da mãe Leonor.

Após dois anos da perda da esposa Leonor, Antonio uniu-se em casamento com Ester, conhecida como dona Libe.

“Obrigada Paizão pelo teu carinho, atenção e amor, O teu coração tão generoso, capaz de perdoar e amar sem limites. Para nós sempre será um exemplo de misericórdia, entusiasmo, sabedoria e fé. A dureza da vida não lhe embruteceu, nunca foi capaz de lhe tirar a ternura, a alegria de viver e lutar, lutar sempre. Pai você é um vencedor. O seu amor, dedicação à profissão, expresso no atendimento ao povo, te consagrou ‘doutor’. Ao contemplar o teu rosto, tuas rugas, teus cabelos brancos, silenciamos e reverenciamos a tua sabedoria adquirida ao longo desses anos na batalha pela vida digna dos filhos, pois teu sonho sempre foi a nossa felicidade, o nosso êxito e sucesso”, completa, emocionada, Zélia Maria, em homenagem ao seu pai Antonio Batista.

Publicada originalmente em
7 de julho de 2006.

Registrando vidas

Cartorária de Canoinhas por mais de 50 anos, Nereida Cherem Corte relembra sua trajetória no ofício de registrar vidas e mortes, a chegada a Canoinhas e os personagens do passado

Ainda está na memória de Nereida Cherem Corte, que completou ontem 81 anos, o tilitar das máquinas de escrever que teclou por exatos 50 anos à frente do Cartório de Registro Civil de Canoinhas. Pelas mãos, ou melhor, pelos dedos de Nereida, passaram os nomes dos filhos e dos mortos de Canoinhas, além de centenas de casamentos e registros afins. O convite para essa entrevista veio há dois anos, quando começávamos a desenvolver o projeto Nosso Povo, Nossa História. Com uma calma que não lhe é habitual, Nereida caprichou nas respostas, nos enviando um cuidadoso histórico sobre os quase 60 anos que está em Canoinhas.

Filha de Antônio e Maria Venâncio Cherem, Nereida nasceu em 1925 no município de Tijucas, onde começou seus estudos no Grupo Escolar Cruz e Souza e Colégio Espírito Santo.

Aos 12 anos, partiu para Florianópolis, onde, no Colégio Coração de Jesus, cursou o ensino fundamental e o normal, paralelo ao curso intensivo de Educação Física. A data da formatura coincidiu, propositalmente, com o noivado com o jovem Jair Corte. Nereida voltaria ao Colégio Coração de Jesus para lecionar por cinco anos.

A CHEGADA EM CANOINHAS

O ano de 1948 foi um tanto quanto conturbado para Nereida, mas muito especial. Ele decidiria praticamente toda sua vida. Foi em 22 de maio daquele ano que, ainda em Florianópolis, Nereida se casou com o jovem comerciante Jair. Foi o fim de um ciclo, no qual ficava no passado a vida na bela e paradisíaca Capital. Os recém-casados viriam morar em Canoinhas, onde Jair trabalhava no comércio. Dois anos depois, aliás, Jair inauguraria sua loja, existente até hoje, a J.Corte artigos de pesca.

Ao firmar os pés em solo canoinhense, o primeiro pensamento que

veio à mente de Nereida foi de que “estava chegando no fim do mundo”. Chovia torrencialmente, a lama era demasiada e, para completar, não havia luz.

Iluminado por uma vela, o irmão de Jair, Sidney, conduziu o casal até a Sociedade Beneficente Operária (SBO), onde Nereida sentiu-se “aliviada” ao encontrar o amigo de infância, colega de escola e também tijuquano, o saudoso Saulo de Carvalho, que morava em Canoinhas há alguns anos.

“Nos primeiros tempos estranhei muito, mas aos poucos comecei a me integrar ao novo ambiente”, recorda.

INTEGRANDO-SE A CANOINHAS

As irmãs do Colégio Sagrado Coração de Jesus, sabendo da habilitação profissional de Nereida, logo a procuraram para assumir a disciplina de Educação Física. Na mesma época, era prefeito de Canoinhas o irmão de Jair, Olivério Vieira Corte. Foi ele quem soprou em seu ouvido uma boa oportunidade profissional – o cartório de Registro Civil da Comarca estava à venda. Na época, os cartórios eram comercializados e as concessões não dependiam de concurso público, como hoje. Ainda em novembro de 1948, o novo e longínquo ciclo da vida de Nereida se completa com a aquisição do cartório.

A cada dia, o amor de Nereida por Canoinhas aumentava. “Meu círculo de amigos crescia a cada dia e passei a amar essa terra e sua gente como se fosse meu berço natal”.

MUDANÇAS

“Muita coisa mudou na cidade e seria longo demais descrever tudo, mas entendo que as últimas décadas foram impulsionadas pela instalação da Funploc, hoje Universidade do Contestado (UnC), com sua variedade de cursos, projetando nossa cidade para além das fronteiras do Estado”, acredita Nereida.

Falando em progresso, Nereida arrisca um palpite: “Canoinhas



Nereida: “meu círculo de amigos crescia a cada dia e passei a amar esta terra”

cresceu bastante, mas acredito que, para crescermos mais, nosso parque industrial precisa ser ampliado”.

APAIXONADA POR AJUDAR

A filantropia sempre esteve presente na vida de Nereida e Jair. Jair, por sinal, é um dos fundadores da Associação dos Pacientes Oncológicos de Canoinhas e Região (Apoca). “Procuro ajudar todos que me procuram”, revela Nereida. A ex-cartorária foi uma das fundadoras do Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente e dedicou boa parte de sua vida, desde 1955, a Pia União de Santo Antonio. Em 1968, foi eleita presidente, cargo que ocupou por 30 anos. Uma das conquistas da

qual se orgulha, foi ter conseguido irmãs para trabalharem na direção interna da Casa Dr. Rolando Malucelli, que era mantida pela Pia e abrigava permanentemente 30 menores carentes.

Tanto Nereida quanto Jair receberam títulos de cidadãos honorários de Canoinhas.

Hoje, do alto de seus 81 anos, Nereida se mostra satisfeita com a vida que Deus lhe deu.

Sobre Canoinhas, ela termina com uma declaração de amor pela cidade. “Embora não seja nascida aqui, posso dizer com orgulho: Canoinhas é minha terra e, sua gente, minha gente”.

Publicada originalmente em 28 de julho de 2006.

100 anos em 30

Relinda Kohler, 74 anos, pesquisa há 30 anos a chegada da família a Canoinhas e a trajetória do pai; o resultado está em mais de 800 páginas de uma obra que confunde a história da família com a de Canoinhas



Relinda prepara há 30 anos um livro que conta a saga dos Kohler desde a Europa até a trajetória no Brasil, com atenção especial à chegada a Canoinhas

Se fosse vivo, Leôncio Alberto Kohler completaria 100 anos em 1º de agosto de 1987. A data suscitou na filha, Relinda Kohler, 74 anos, o despertar de um projeto iniciado 10 anos antes, mas então adormecido: escrever um relato sobre a história do pai e, conseqüentemente, sobre a família.

Remexendo os esparsos papéis que havia colhido com a ajuda de dois primos alguns anos antes, Relinda decidiu retomar o projeto. Para não correr o risco de tornar a história passional, começou a entrevistar inúmeros parentes próximos que deram seu depoimento sobre

Leôncio. A ideia inicial, de produzir apenas um folheto com a síntese da história do pai, se transformou num projeto exaustivo e ambicioso, que chegou a 800 páginas. Em suas páginas, preciosidades da história canoinhense e regional, entremeadas pela trajetória da família Kohler, desde a chegada a Canoinhas até a morte do patriarca.

ESTAÇÕES

Relinda dividiu a história do pai por “estações”. Cada lugar onde o pai viveu ganhou essa denominação. E olha que não foram poucos os locais. Leôncio era inquieto como uma criança e empreendedor como um típico homem de negócios.

Conforme levantamento feito por Relinda, os Kohler chegaram a Canoinhas antes de 1914. A certeza de que eles estavam aqui no princípio da década foi o fato de Relinda ter encontrado no livro de tombo da Igreja Católica o registro de um armário doado pelos Kohler para a capela de Santa Cruz, então uma construção de madeira, hoje restaurada depois de um incêndio, no Alto da Colina. Nessa época, existiam cerca de 60 casas no então distrito de Curitibaanos. O armário foi doado por compaixão dos Kohler pela situação da igreja depois dos incêndios promovidos por revoltosos da Guerra do Contestado.

Os primeiros Kohler a desembarcar em Canoinhas eram irmãos de Leôncio.

Vieram para Canoinhas fugindo de pestes como a febre amarela e o tifo, que assolava a região de Joinville. Pouco conhecida, a localidade logo foi batizada pelos Kohler de Sertão do Ouro Verde. Um prenúncio de que, em 1923, a então cidade de Santa Cruz de Canoinhas viria a se chamar Ouro Verde. A denominação durou sete anos, quando a cidade passou a se chamar apenas Canoinhas.

A princípio, os irmãos Kohler comercializavam a maior riqueza dessas terras, a erva-mate. Logo, no entanto, rumaram para a atividade que lhes deu maior visibilidade, o ramo madeireiro. O historiador Orty Magalhães, um dos maiores estudiosos da história de Canoinhas, dizia inclusive, que seriam os irmãos Kohler – Frederico Jacob e Teodoro Oto –, os pioneiros da indústria madeireira canoinhense.

Leôncio veio para Canoinhas apenas em 1922, já casado com Helena Hackbarth. “Vieram de carroça, antes que o grande inverno chegasse”, conta Relinda. No caminho, um grande susto: um dos filhos do casal caiu no rio Paciência e foi resgatado pouco tempo depois, como por um milagre. “Meu pai chamava-o de Moisés, numa referência ao episódio bíblico”, diz Relinda.

LEÔNCIO EM CANOINHAS

Leôncio havia vendido sua proprie-

dade em Campo Alegre e comprou terras dos irmãos na localidade de Rio Pretinho. Era o início da década de 1920. Luiz, irmão de Leôncio, que também era sócio de Oto e Frederico, vendeu sua parte em uma serraria em Bela Vista do Toldo para Leôncio. Foi assim que a família de Relinda se fixou em Canoinhas.

Relinda nasceu em 1932. Foi batizada na capela do Alto da Colina da E.E.B. Santa Cruz. A partir de 1943, a família deixou Canoinhas para morar em Guarapuava-PR e Campo Mourão, onde Leôncio morreu em 1963. Mas foi enterrado na terra que tanto amou, em Canoinhas. Aqui também havia ficado uma das irmãs de Relinda, Maria Iracema, que casaria com Bernardino César Fedalto e viria a ser mãe de César Fedalto.

Em 1964, já formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Relinda levou a mãe para Curitiba. Desde então, a biblioteconomista apenas faz visitas carregadas de interesse a Canoinhas. Sempre movida pela curiosidade de aprender mais sobre a terra que sua família escolheu para prosperar.

Sua mãe, Helena, faleceu em 1971 e também foi sepultada em Canoinhas.

150 ANOS DE IMIGRAÇÃO

Em 2010, os Kohler completam 150 anos de imigração da Áustria para o Brasil. Hoje eles estão espalhados pelo País. Os componentes mais entusiasmados da grande família já pensam numa grande confraternização.

Nessa ala está Relinda, que apesar de um trabalho exaustivo e minucioso de pesquisa, não se cansa de investigar a trajetória dos Kohler. “Foram 30 anos de encantamento”, conclui. Encantamento que se traduz em mais de 1 mil folhas manuscritas, transpostas para 800 páginas digitadas e mais de 100 ilustrações que, alerta Relinda, são essenciais para se compreender a história.

Publicada originalmente em 18 de agosto de 2006.

RÁDIO CLUBE, A RÁDIO TRADIÇÃO

Em 25 de agosto de 1948 entrava no ar a **Rádio Canoinhas**. Hoje com o nome **Rádio Clube de Canoinhas**, esta emissora é marcada por uma história de sucesso e superação. Seus fundadores foram os irmãos Álvaro e Manoel Machuca.

A **Rádio** foi precursora no microfone da ZYP-6, frequência 560 quilocilos, seus primeiros locutores foram: Altamiro Ricardo da Silva, Pierina Possamai, Alfredo Teixeira, Geci Varela Ditrich, Bonifácio José Galloti, Mário Ferraresi e Nair Seleme. Na mesa de áudio estavam Emílio Schiwinski e Jurandir Ferreira.

No início da atuação da rádio era apresentado um programa sertanejo às 6 horas da manhã, sob o comando de Alfredo Franco. A atração da tarde ficava por conta do quadro *Gentilezas*, onde amigos, parentes ou namorados ofereciam músicas. Para que tudo funcionasse bem, a rádio tinha agenciadores em todo o interior do município, onde o oferecimento era pago, sendo que de segunda a sábado o programa era das 14 às 15 horas e no domingo das 13 às 19 horas.

Os patrocinadores da programação eram: Casa Erlita, Casa Mayer, Casa Schereiber, Casa Lourenço Buba, Basílio Humenhuk Veículos, Casa Trevisani, Banco Inço, Comércio Francisco Fuck, Relojoaria Scheidt, Irmãos Bartinik, Comércio João Abraão Seleme, João Seleme e Filhos, Jordan e Cia, Foto Uhlig.

No sábado à noite havia o *Parada da Alegria* apresentado por Índia Morena Schramm, Alfredo Franco e Irineu Reinardt, onde desfilavam novos talentos adultos e infantis na área musical e de humor. Aos domingos acontecia a programação local, onde crianças cantavam, dançavam e tocavam músicas no piano e no violão, havendo sorteio de prêmios e apresentação do conjunto Serenata.

Destacava-se em 1957, o programa *de Mulher para Mulher*, com apresentação de Maria Rudey e Índia Morena Schramm, que permaneceu no ar por oito anos, divulgando receitas culinárias, tricô, crochê e poesias.

Em 1968 a emissora foi totalmente destruída por um incêndio, naquela época ainda



chamava-se **Rádio Canoinhas** e estava situada no centro da cidade, não restando nada dos equipamentos e documentos, perdendo-se aí todo o seu acervo histórico.

Mas nesses anos todos a **Rádio Clube**, que é uma das emissoras mais antigas do estado de Santa Catarina, fez história, participou e vem participando do progresso do Planalto Norte catarinense.

Atualmente a **Rádio Clube** está sob a direção do canoinhense Joselde Cândido Cubas Batista, diretor-presidente da empresa. A rádio conta com uma estrutura física que foi especialmente projetada para a finalidade de abrigar seus equipamentos. A equipe que hoje atua na emissora é composta por dezoito colaboradores, sendo locutores, editor de áudio, recepcionista, setor financeiro,

administradores, servente, técnicos, setor de programação, departamento comercial, direção, além de uma equipe de apoio terceirizada composta por engenheiros de telecomunicações, técnicos em equipamentos, assessores jurídicos e contábeis. Hoje a **Rádio Clube de Canoinhas** transmite na frequência 890 kWz.

O diretor-presidente da **Rádio Clube de Canoinhas**, Joselde C. Cubas Batista, destaca que a Rádio cumpre sua missão social e continuará a cumprir: “a Rádio Clube de Canoinhas tem como seu objetivo maior a ligação entre as comunidades, atendendo com qualidade seus patrocinadores e ouvintes, sempre respeitando o ser humano e divulgando assuntos que agreguem conhecimentos, mantendo a tradição e respeito pela região”.



A pioneira da cidade, há **67 anos** com você

Entre vivos e mortos

Waldomiro Werka, 66 anos, relembra os mais de 40 anos como agente funerário, conta histórias macabras e curiosas de uma vida que, garante, vale muito a pena



Werka: “o importante é fazer bem feito. Se cumpro bem meu trabalho, me sinto feliz”

Há algo de extremo brilho no olhar de Waldomiro Werka, 66 anos, mais de 40 dos quais dedicados a clientes muitos especiais. Eles não falam, nem se movem, tampouco expressam reclamação ou desejos – simplesmente porque estão mortos. Mesmo assim, Waldomiro garante, respeita muito os corpos que lhe são confiados.

Canoinhense do então distrito de Major Vieira – emancipado em 1962 – Waldomiro impressiona pelo bom humor. “Não vale a pena ficar triste”, garante. A rotina pesada do leva-e-traz de esquifes não deixa o clima pesado dos ambientes que frequenta diariamente lhe abater a alma. “O importante é fazer o meu

trabalho bem feito. Se cumpro bem meu trabalho, me sinto feliz”, diz, revelando o seu segredo para ser feliz.

Waldomiro veio criança para Três Barras, ainda distrito de Canoinhas (Três Barras também foi emancipada em 1962). O pai, Jacob, vindo de Paraguaçu, localidade de Itaiópolis, a fim de aprender o ofício de marceneiro com o tio que morava em Major Vieira, gostou de Canoinhas e, depois de um looping por diversas cidades, acabou firmando morada em Três Barras.

A fim de ensinar ao filho o ofício da marcenaria, Jacob não poupou o então menino de 6 anos. “Estudava cedo e, à tarde, aprendia marcenaria, não era moleza não”, recorda Waldomiro que, aos 10 anos, estava ajudando o pai a montar uma serra-

ria nas proximidades da estrada de ferro que liga Santa Catarina ao Rio Grande do Sul, na localidade de Itaiti. A estafante empreitada durou oito meses. “Ao término da serreria, ainda trabalhamos dez dias para comprovar a eficiência da obra”, conta.

FUNERÁRIA SOB MEDIDA

Aos 15 anos, Waldomiro estava morando efetivamente em Canoinhas. Foi aqui que ele e o pai empreenderam uma fábrica de móveis. Isso há 46 anos. Pouco tempo depois, sem muita intenção, começava a se desenhar a primeira funerária de Canoinhas. O trabalho “extra” se configurava no seguinte: “morria alguém, a família nos encomendava e nós virávamos a noite ou o dia para fazer o caixão”. Até que o esquife ficasse pronto, a família se ajeitava do jeito que dava. Velava seus mortos em cima de uma mesa, sobre uma toalha branca, com algumas velas e flores. Levava-se de oito a dez horas para um caixão ficar pronto.

O incômodo com a morte era proposital, no entanto. “Não adiantava fazer estoque, as pessoas consideravam mau agouro aprontar um caixão sem ter um dono prévio”, recorda Waldomiro.

Essa cultura, no entanto, mudou. Em Canoinhas, pelo menos, boa parte dessa mudança se deve à primeira funerária da cidade, engendrada por Waldomiro e o pai.

DA CARROÇA AO CARRO FÚNEBRE

Os funerais tradicionais, até metade do século 20, eram conduzidos por carroças. Os cavalos eram vestidos com capas roxas ou negras simbolizando o luto. Funerais vindos do interior eram maçantes. Levavam horas. Esse inconveniente preocupava Waldomiro e o pai. Trazendo a novidade de Curitiba, eles implementaram o primeiro carro fúnebre da cidade.

A inovação deu impulso para que pai e filho montassem a primeira funerária da cidade. Alvará na mão, a casa funerária estava inaugurada. De lá para cá, o ramo se modernizou de forma rápida. “Hoje é preciso até

ter curso para lidar com os mortos”, conta Waldomiro.

CURIOSIDADES DO ALÉM

Se antigamente amarrava-se o maxilar e as pernas dos defuntos, a técnica dos agentes funerários, hoje, permite que muito defunto fique mais bonito do que em vida, depois de passar pela casa funerária. O trabalho de “ajeitamento” do defunto é feito com o maior respeito por Waldomiro. “A primeira coisa que faço é acender uma vela e colocar ao lado do corpo. O espírito pode estar por perto”.

Essa visão kardequiana da pós-morte despinta da religião católica que Waldomiro segue. E olha que ele tem motivos para acreditar no espiritismo. Conta que, um dia antes da morte do pai, deu carona a um homem na porta do cemitério. Ao chegar em frente de sua casa, como num passe de mágica, o homem desapareceu sem deixar rastro. Sua esposa diz nunca ter visto ninguém com o marido naquela noite, embora ele afirme ter chegado em casa com o estranho desconhecido.

Medo da morte? Waldomiro, definitivamente, não tem. Repete o velho bordão: “é preciso ter medo dos vivos, isso sim”.

Nessas tantas andanças por lares desolados pela morte, Waldomiro conclui que os pobres amam com maior intensidade. “Rico parece ter vergonha de chorar, pobres não, têm mais amor uns pelos outros”. Mas o aparentemente inabalável Waldomiro confessa: “o desespero das pessoas me incomoda”.

ORGULHO

Waldomiro fala com orgulho do crescimento de seu negócio. E dá a dica para o sucesso. “o negócio é inovar”.

Casado há 43 anos com Leir e pai de quatro filhos – Edmilson, Mirian, Marilise e Marilei – avô de seis netos, Waldomiro preserva na família, nas pescarias e nas lembranças de uma juventude regada a muita festa e futebol – Waldomiro jogou por anos no extinto Palmeiras – a felicidade que não deixa nada abater.

Publicada originalmente em
15 de setembro de 2006.

CIMENTELA

www.cimentela.com.br (47)3624-2346

Lajotas e Paver's



Tubos de Concreto



Blocos Estruturais



Cercas Alamedado



Telas sob medida Galvanizada e plastificada



Cerca Tela Reta



Palanques diversos



Fossa/Filtro



Muros



Rua Coronel Albuquerque, 1150 - Fone: (47) 3622-1718
Avenida Expedicionários, 1386 - Fone: (47) 3624-1459
Rodovia BR-280, Km 220,3 - Fone: (47) 3624-2346
Canoinhas - SC



Escritório Cide
Contabilidade

CONTABILIDADE & ASSESSORIA EMPRESARIAL



- ✓ Abertura e Alteração de empresas
- ✓ Assessoria Contábil
- ✓ Assessoria Fiscal
- ✓ Assessoria Societária
- ✓ Assessoria Trabalhista
- ✓ Imposto de Renda Pessoa Física e Jurídica
- ✓ Assessoria Empresarial, Custos, Financeira
- ✓ Análise de Demonstrações Contábeis
- ✓ Serviços Gerais de Contabilidade

Tel.: (47) 3622-1718 / 3622-1378

Site: www.cidecontabilidade.com.br

E-mail: cide@cidecontabilidade.com.br

Rua Coronel Albuquerque, nº 1150 - Centro - Canoinhas SC

30 ANOS de Sicoob Credicanoinhas



O Sicoob Credicanoinhas está completando 30 anos de comprometimento com os associados. E, para celebrar este momento, está presentando quem faz parte desta história. Desde agosto de 2015, cada mês um Posto de Atendimento está sorteando televisores: são 29 ao total. Ao final da promoção, em 29 de julho de 2016, todos os cupons serão reunidos para o sorteio de um carro zero

quilômetro. A Cooperativa de Crédito Rural do Vale do Canoinhas (Credicanoinhas) abriu as portas para receber os associados em 29 de julho de 1985; já em 4 de fevereiro de 2010, foi transformada em cooperativa de livre admisão. O Sicoob Credicanoinhas possui mais 16 mil associados e 15 pontos de atendimentos. Seja sócio você também!

Aplique no Sicoob e tenha vantagens

PROMOÇÃO

SICOOB CREDICANOINHAS

30 ANOS

01 Carro 0km



Parceiros dessa Promoção:
SICOOB CORRETORA
MAPFRE SEGUROS
SULAMERICA SEGUROS
LIBERTY SEGUROS
PORTO SEGURO

29 Tv's de 32 polegadas

SICOOB
Credicanoinhas

Rua: Álvaro Soares
Machado, 455
. 47 3622 3311

O JORNAL MAIS PREMIADO DO PLANALTO NORTE

A segunda coletânea da revista “Nosso Povo, Nossa História” é um presente para celebrar também a história do próprio Correio do Norte que este ano foi eleito como o Melhor Jornal do Norte de Santa Catarina no 16º Prêmio Adjori/SC.

Consagrado como o maior concurso jornalístico de Santa Catarina e entre os maiores do país, o Prêmio Adjori/SC de Jornalismo é a mais eficiente ferramenta de estímulo ao aprimoramento dos jornais catarinenses. A seleção dos melhores do ano envolve diferentes comissões julgadoras, integrada por profissionais de reconhecida expertise em suas áreas de atuação.

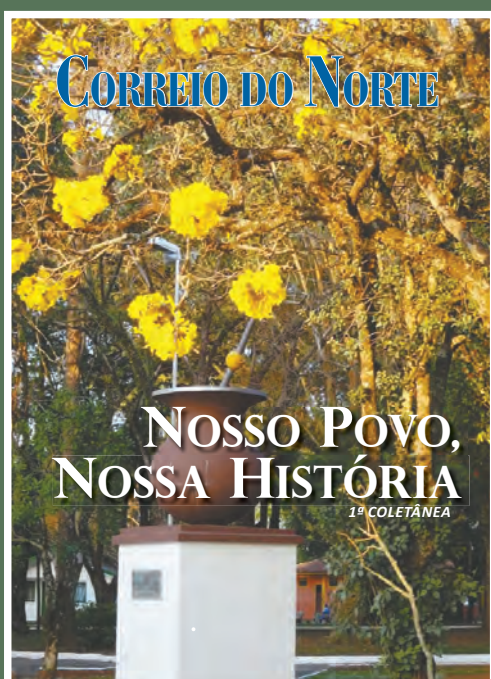
A primeira coletânea do “Nosso Povo, Nossa História”

ficou em segundo lugar na premiação deste ano do Prêmio Adjori/SC de Jornalismo e o site do Correio do Norte recebeu a Pena de Bronze na categoria Novas Mídias. Em julho de 2010, o CN conquistou o Troféu Pena de Bronze como um dos melhores jornais do Estado! O CN também é o maior jornal da região – temos mais assinantes do que todos os nossos concorrentes juntos.

E é por saber da nossa responsabilidade que o CN traz sempre novidades que, acima de tudo, agregam prazer à vida. Este exemplar que está em suas mãos é fruto do trabalho de uma equipe que valoriza aqueles que fazem parte da nossa história, afinal, não somos feitos de passado, mas somos feitos de memórias.



1ª coletânea



LEIA TAMBÉM

CORREIO DO NORTE